



HUMOR, SEXO, ROCK'N'ROLL & OUTRAS COISAS DIVERTIDAS

ARARAC ALEGRE

Desde 1975

NOVA SÉRIE

12

Elizeu Mól
Juarez Gomes de Sá
Robert de Andrade
Humberto Luiz
Camilo Lucas
Paulo Vieira
Jorge Inácio
Sylvio Abreu
Lysias Leitão



HOMENAGEIAM
O MESTRE

Maxs Portes

Vida e literatura se confundiam nele, e ninguém sabia onde começava uma e terminava a outra



Com uma mega-loja recheada de tudo o que você espera de um grande SUPERMERCADO, o Irmão Supermercados brinda o Bairro Santo Antonio, em Caratinga, devolvendo a esta comunidade o prestígio que tem nos oferecido desde que iniciamos, ali, nossas vitoriosas atividades. O Santo Antonio merece!



Orgulho de ser de Caratinga!

(ORIGINALS)

DAS RAZÕES INQUIETAS

(ORIGINALS)

O PASSAGEIRO DO ARCO-ÍRIS

(RECORTES)

MARUIM

(ORIGINALS)

CARÁ-BRANCO

(ORIGINALS)

GUIRI

1963 de



Nº 12. Nova série. 2014

A Jararaca reiniciou sua numeração várias vezes ao longo dos últimos 39 anos, e para o 40º aniversário em 2015, saberemos finalmente quantas edições foram publicadas.

Editor, Diretor de Arte Camilo Lucas
BBC Baby, Boca e Camilo (ou Boca, Baby e Camilo, sei lá)

Redação Felipe Senra Lucas, Juliana Senra Lucas, Fernanda Cordeiro, Tando Soulei, Manoel Rodrigues Jr., Cabeto Carli, Raul Miranda, Sérgio Mogga, Manoel Boca, Robert de Andrade, Luisa Reiff

Diretor de Faxina Gripinym.
Volta Aspirino!

Cafeto Rua João Pinheiro, 116-C, centro,
Caratinga - MG, CEP 35.300-137
jararacalegre@hotmail.com
www.jararacaalegre.com.br

Impresso na GRÁFICA BRASIL-LÍDER
Caratinga - MG (33) 3321-2424

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Jairo Faria, Genin, Guto Respi, Hrjoe, Tonho Oliveira, Luiza Lelis, Jorge Inácio, Elizeu Mól, Sylvio Abreu, Lysias Leitão, Juarez Gomes de Sá, Humberto Luiz, Paulo Vieira, Domingos Barroso, Clinger Carlos, Marko Santana, Kiko Pires, André Regal, Gilmar, Orlando, Arlene Madeira, Eleonora Sá, Leandro Solano, Darcy Mateus, Ricardo Chagas, Osmar Souza, WiliamP

Esta edição foi finalizada ao som de

Country Joe and the Fish «I Feel Like I'm Fixin' to Die», Iron Maiden «Best of the Beast», The Police (coletânea), Pearl Jam «Vitalogy», Bob Marley and The Wailers «Catch a Fire», Milton Nascimento e Lô Borges «Clube da Esquina», U2 «Pop», Trilha sonora «Durval Discos», The Beatles «Rubber Soul», The Rolling Stones «Goats Head Soup», Kansas «Point of no Return», Tim Maia «1970», Kiss «Dressed to Kill», Led Zeppelin «The Song Remains the Same - Soundtrack», Chico Buarque «Construção» e ainda tocando

Se você não conheceu a obra de Maxs Portes, seu conhecimento literário está prejudicado.

Se você não conheceu Maxs pessoalmente, perdeu.

Um grande escritor, um grande designer, um grande editor, um enorme poeta.

Mas, principalmente, um grande cara.

Relembre, homenageie ou conheça **Maxs Portes** nesta edição da sua J. A.

Ele que, de tanto falar nisso, agora faz parte dos nossos ontens.

VIVA MAXS

25 Abertura/Jorge Inácio

26 Camilo

28 Elizeu Mól

29 Lysias Leitão

30 Robert de Andrade

34 Minas perde Maxs Portes

36 Glória

37 Humberto Luiz

38 Sylvio Abreu

40 Paulo Vieira

41 Juarez Gomes de Sá

42 A obra

E MAIS: Os nossos inenarráveis colaboradores de sempre, ao longo das demais páginas (que estão demais)



Fernanda Cordeiro

Poetiza, artesã e artista plástica

begônias, crisântemos, petúncias
as meninas do jardim de Miró
contariam meus segredos às joaninhas
que vivem no vai e vem
dos canteiros da razão

MAS COM TANTAS CORES
PRA QUE SERVE O SOM?

ESQUEÇA palavra,
gesto,
ação

fique comigo que não sou flor
SOU PAIXÃO.

«Jardins de Miró»



Amores de Minas
Por Fernanda Cordeiro e Marina Dias

Facebook.com/amoresdeminas
@amoresdeminas



OS CULTS

CULT SEENC**O**ONTRAM **C**ULT

em**O**CULT**O**

Jairo Fará

OS CULTS 2

CULT SEENC**O**ONTRAM **C**ULT

EU EX-CULTO

Jairo Fará



Genin

Cartunista e escultor

Genin, um cartunista

RELEVANTE



Conhecido por suas esculturas e cartuns geniais, Genin também reúne as duas atividades em alto relevo. De forma não menos genial, claro. O itabirano que reside em BH tem trabalhos premiados espalhados pelos quatro cantos, e é uma honra tê-lo como colaborador da J. A.

Confira aqui a esfuziante Rita Lee, o bruxo Hermeto, a esfinge Milton Nascimento, o brasilíssimo Gonzagão e o paulistano-mor Adoniran Barbosa!







THE ROLLING STONES

Felipe:

"Goats Head Soup é talvez o disco mais subestimado dos Stones. Lançado logo após o grandioso Exile on Main Street, é um álbum mais enxuto e que retrata uma grande mudança na banda. Os Stones saíam da fase que marcou a primeira década do grupo, de garotos sujos com composições e atitudes subversivas e anti-establishment. Goats Head mostra Jagger e cia entrando na casa dos 30 e captura o momento em que os Stones caminhavam para se tornar uma banda elitizada e que, mesmo com todos os problemas com drogas e prisões, se via frequentemente envolvida com a nata da aristocracia europeia.

O álbum tem uma capa estranha e perturbadora. Cada um interpreta de um jeito, mas pra mim a cabeça de Mick parece querer sair de uma placenta de borracha. O título é pior ainda: "sopa de cabeça de bode" é um prato da culinária jamaicana, país onde o disco foi gravado e que, segundo Keith, era uma das únicas nações que permitiam a entrada da banda sem restrições judiciais. Também pode ser uma referência à magia negra e ocultismo, temas frequentes nas canções dos Stones.

Goats Head marca o início da fase glam dos Stones. O ácido e a maconha que embalam os shows, gravações, composições, festas e dia a dia dos anos 60 davam lugar à cultura da cocaína, fazendo com que o som e os costumes de toda uma geração fossem aditivados com a falsa sensação de poder e autoindulgência que a droga proporciona. O álbum tem a vibe da época e parece ter sido feito pra tocar no modo repeat durante a madrugada inteira dentro de uma casa noturna, acompanhado de muito álcool, pó, limusines e sexo grupal hedonístico. A cara dos anos 70.

Dancing with Mr. D. é uma faixa encharcada de glam rock; Doo Doo Doo Doo Doo (Heartbreaker) usa um pote inteiro de glitter colorido pra mascarar o tema sombrio falando de assassinato de crianças e violência policial; Can You Hear the Music é lenta, drogada e dançante e Star, Star (originalmente "Starfucker"), a pérola do disco, é um rock Chuckberryano cuja letra pornográfica levou a canção a ser censurada.

O álbum também traz algumas baladas, talvez pra aquele momento de bad pós-noitada regada à cocaína. A mais famosa é Angie, mas a bela e solitária Winter também faz o ouvinte sentar quando chega em casa lá pra meio dia ou uma da tarde, esticar as pernas, pensar se é isso mesmo que ele quer da vida e esperar a ressaca chegar.

Além dos membros da banda, que na época contava com Mick Taylor na guitarra, o álbum traz músicos de estúdio como Billy Preston e Nicky Hopkins, além dos amigos de sempre Ian Stewart e Bobby Keys. Goats Head Soup não é citado entre os maiores álbuns da história - nem mesmo entre os maiores dos Stones - mas é uma coleção de músicas sombrias e despretensiosas que pelo menos fazem com que um clima estranho tome conta do lugar toda vez que você o coloca pra tocar. Medo.



GOAT'S HEAD SOUP

Rafael:

«Há obras que, quando concebidas, ganham um ar etéreo, perene e universal, como se sempre existissem e há aquelas que são marcas indeléveis do momento em que foram feitos, tal qual uma Polaroid desgastada. No intervalo de um ano, os Rolling Stones conseguiram a façanha de realizar duas obras que se encaixassem nestas duas definições.

Exile on Main Street é um retrato dos Stones quando foram exilados de sua pátria. Gravado em sua maior parte num ex-bunker nazista na França, o disco é o reflexo de uma banda que respirava música dia a dia, criando clássicos através de incontáveis jams, mas que refletiam ali sua sinceridade ao reinterpretar os estilos de música popular americana à sua maneira. É um disco, a princípio, inexcrutável mas que a cada audição nos deixa a dúvida se sempre existiu no vocabulário da música popular. Exile on Main Street transcende sua época.

Goats Head Soup é a outra face desta moeda. Também concebido neste momento de exílio da Inglaterra, vemos os Stones alocados na Jamaica, um dos poucos países que ainda os “aceitavam”. As práticas de gravação também foram as mesmas de Exile, mas o resultado é o retrato exato da época em que foram concebidos, sintetizados em duas palavras: excesso e exaustão. Era praticamente um retrato em forma de música do que se passava naquele momento na década de 70: o glamour e a decadência, a euforia das drogas e a melancolia da ressaca do dia depois, o prazer imediato do sexo livre e a solidão das relações vazias, a música criada com aspirações artísticas e a profissionalização crescente (no pior sentido possível) das gravadoras e selos musicais. Era tudo ao mesmo tempo agora, vezes três, vezes 10.

Há momentos que o som está à beira da saturação, as caixas quase “estouram” como se não conseguissem conter o som dos Stones de Goats Head Soup. É fato que produziram tanto que se deram ao luxo (ou à falta de critério, devaneio? vai saber...) de descartar pérolas como Waiting on a Friend e Tops (seriam “aproveitadas” depois em Tattoo You, de 1981). E nem todas as escolhas da banda foram as melhores, como o blues de Silver Train, que vale mais pelo instrumental que pela letra inócua e repetitiva, ou as flautas duvidosas que quase soam deslocadas no mantra insistente de Can You Hear The Music, ou até mesmo a orquestra ao final de Winter que a deixa no limite do brega.

Só em um disco como Goats Head Soup podemos ouvir uma música de protesto contra os policiais que atiraram em uma criança que tenha o refrão pegajoso de Doo doo doo doo doo (Heartbreaker) ao lado de uma balada deslavada e açucarada (mas sincera) como a de Angie e parecer natural. Apenas num álbum extremo como este ouviríamos o pedido de socorro de Keith Richards (talvez por seus excessos com a heroína?) na bela e melancólica Coming Down Again, o flerte lascivo com o ocultismo e a morte em Dancing With Mr. D., o sentimento de exaustão na plena juventude em 100 Years Ago, a paródia sincera (existe isto?!) de Chuck Berry na irresistivelmente promíscua Star Star.

Em Goats Head Soup não encontramos um disco clássico dos Stones, mas um desvio de rota que é marcante pelas tentativas erráticas e pelo charme de suas falhas, e por ser o puro reflexo de uma época que pecou pelos seus excessos e contradições, mas que tirou prazer e êxtase deste limite de quase se perder, tal qual a banda coloca num dos versos de Can You Hear The Music:

'Sometimes you're feelin' you've been pushed around
And your rainbow just ain't here
Don't you fear, don't you fear

When you hear the music trouble disappear
When you hear the music ringin' in your ears
Can you feel the magic floatin' in the air?
Can you hear the magic? Oh, yeah, yeah "



Guto Respi

Cartunista e ilustrador
gutorespi.blogspot.com.br – facebook.com/guto.respi

UM desenho, UM objeto...

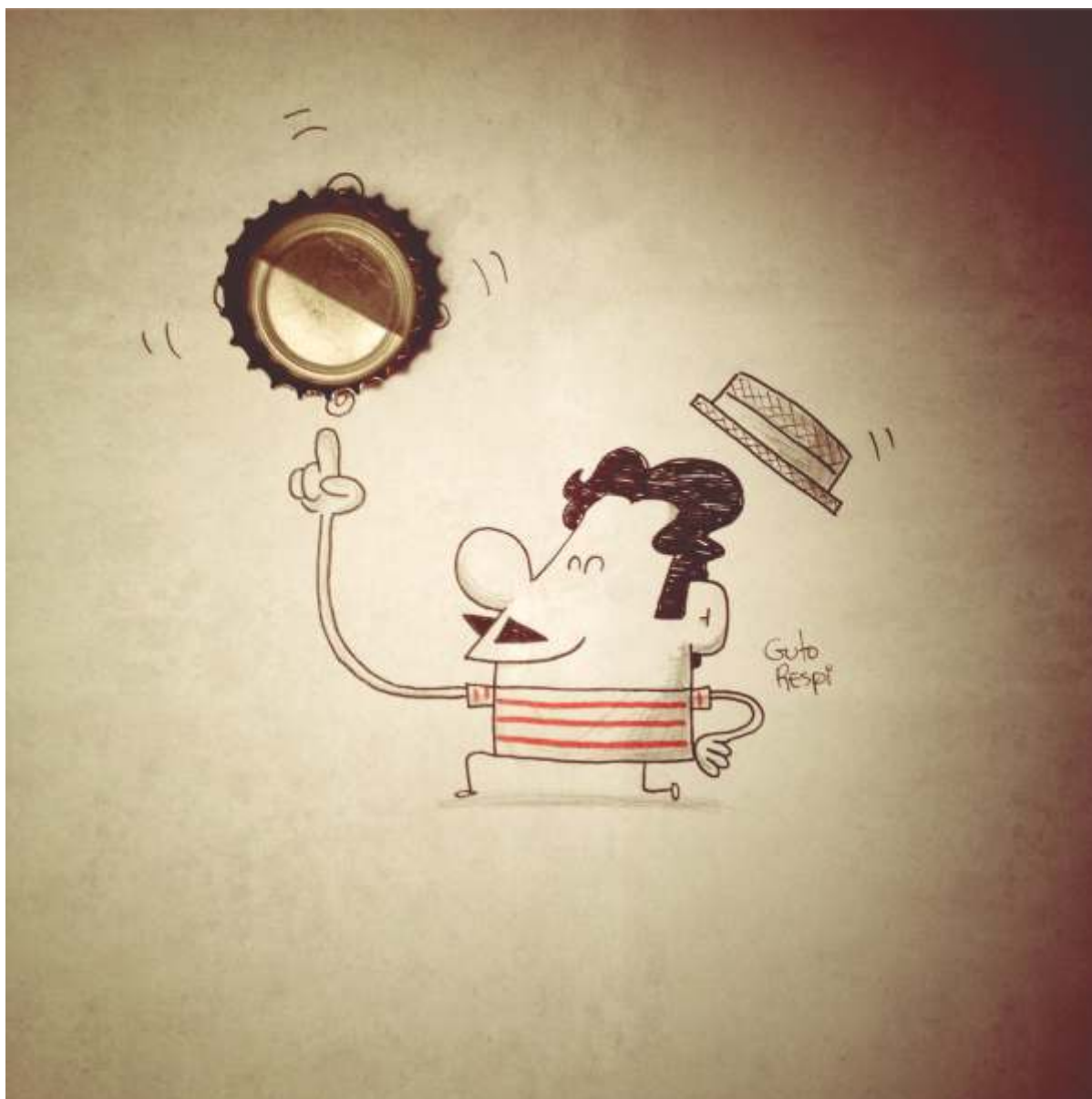
O cartunista **Guto Respi** resolveu passar uma temporada do outro lado do mundo. Resumiu a vida e foi com uma mochila e ideias na cabeça para a Austrália. Com a 'Série sem Título' (um desenho, um objeto e uma foto pelo celular), representou o Brasil no Tour Du Monde Au manège, em Chambéry, França.

Confira um pouco do trabalho por aqui:





Futebol (acima), Índio (ao lado) e samba (abaixo): Representando o Brasil no Tour Du Monde Au manège, em Chambéry





Encontramos H. R. Joe no facebook, um cara que se descreve exatamente como você leu ali em cima, e define seu trabalho como «toys photography art». Claro que piramos com seu trabalho. Na cara dura, pedimos autorização pra publicar. Em troca, vamos mandar jararacas pra ele distribuir lá na Indonésia. Como somos otimistas, acreditamos que mandar um estoque da Jararaca Alegre pra Jakarta não nos enquadrará como traficante de drogas. Afinal, é só pra consumo!



o idea of what I'm talking about





*Thank you, mr. Hrjoe, for
your contribution to make our
magazine a litte more funny and creative!*





Izzy Stradlin e Steve Jones queriam ser Johnny Thunders, que queria ser Keith Richards, que queria ser Chucky Berry ou Muddy Waters, que influenciaram Jimmy Hendrix, que queria ser Eric Clapton, que queria a mulher do George Harrison e também comeu Janis Joplin, que comeu Serguei, que comeu uma árvore, que virou a cama de hotel onde David Bowie comeu Mick Jagger, que comeu Lou Reed que comeu a Nico, que passou gonorréia pro Iggy Pop, que influenciou os New York Dolls, cujo guitarrista era Johnny Thunders, aquele lá do começo, até que o Izzy queria ser e tal (e um monte de gente queria ser ele também), os Forgotten Boys, os Dead Boys, os Strokes - mas os Strokes não têm c o l h õ e s - e principalmente Duff McKagan, que pichava em seus amplificadores a sigla LAMF como homenagem ao seu herói, porque, como vocês não devem saber, LAMF é "Like a Motherfucker", o melhor disco do Johnny Thunders, que tem a música "You can't put your arms around a memory", regravada pelo Guns e cantada pelo nosso amigo Duff, e o Steve Jones também queria ser ele e era

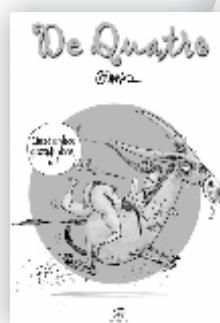


empresariado pelo mesmo picareta do Thunders, chamado Malcon McLaren, que comeu Vivienne Westwood, Joan Jett, Siouxsie Sioux (que comeu Robert Smith e Morrissey e era da mesma banda do Sid Vicious pré-Pistols), e Nancy Spungen, que comeu Sid Vicious (olha ele aí de novo) que queria ser Dee Dee Ramone - com as mesmas roupas inclusive - que queria ser Paul McCartney - sim, também com as mesmas roupas da época de Hamburgo, fase em que ele queria ser Marlon Brando usando as mesmas roupas dele no

filme The Wild One (que foram parar lá no Dee Dee Ramone) e pegou o nome da gangue de motoqueiros do Brando no filme, "The Beetles" e colocou um A bem maroto pra fazer trocadilho com BEAT - e se hospedava em hotéis como Paul Ramon, inspirando o nome dos Ramones, que eram empresariados por Danny Fields, que antes empresariava os Stooges e queria que Iggy Pop fosse Iggy Stooze na época que ele comia a Debbie Harry, que queria ser Patti Smith, que queria ser Bob Dylan, Keith Richards ou então Rimbaud, que você devia ler de vez em quando pra ser menos burro.



Gilmar publica na Folha de S. Paulo e em outros periódicos, e colabora com a Jararaca Alegre



Conheça os álbuns de quadrinhos de Gilmar em:

gilmar.blogosfera.uol.com.br

ALBERICO Gilmar.





De volta ao futuro

Graças à Teoria da Relatividade, e às imposições do amado editor-chefe deste fanzine quaternário, podemos estar em 2014 e falar sobre coisas de 2015. Normal, assim caminha a humanidade, quando você pensa que andou, rola para trás uns vinte metros. Rola sem Kyr. Então farei previsões para 2015 daqui das minhas bolas de cristal.

Maioridade Penal- Boa resolução. A maioria superlota nossos presídios. Elementos demais de 1 metro e noventa não devem ser presos, por falta de espaço na gaiola. Reduzindo a maioria em 1 metro e cinquenta, pode-se empilhar os meliantes, liberando espaço para os demenor. Até o fim do ano, Xuxa seria a ministra da Justiça, por ser a rainha dos baixinhos.

Casamento Gay- O casamento é uma instituição que em si é boa, em mim é que não é lá estas coisas. Se é gay ou não, tanto faz. Com o casamento gay vêm a sogra gay, o cunhado gay, o filho gay, as contas gay, as brigas gay, a intolerância gay e o divórcio gay. Mais do mesmo.

Religião- Assim como minha barriga, só vai crescer. Vai crescer mais do que a torcida do Flamengo e das Cartas aos Coríntios. Vendo o entusiasmado filão do futebol e o fanatismo de seus torcedores vão fundar uma grande liga de futebol. O problema vai ser quando o time dos escolhidos perceber que o adversário também é filho de Deus e que conseguiu virar o jogo. Vão brigar, subdividir e voltar às várzeas. A CBF assume o controle.

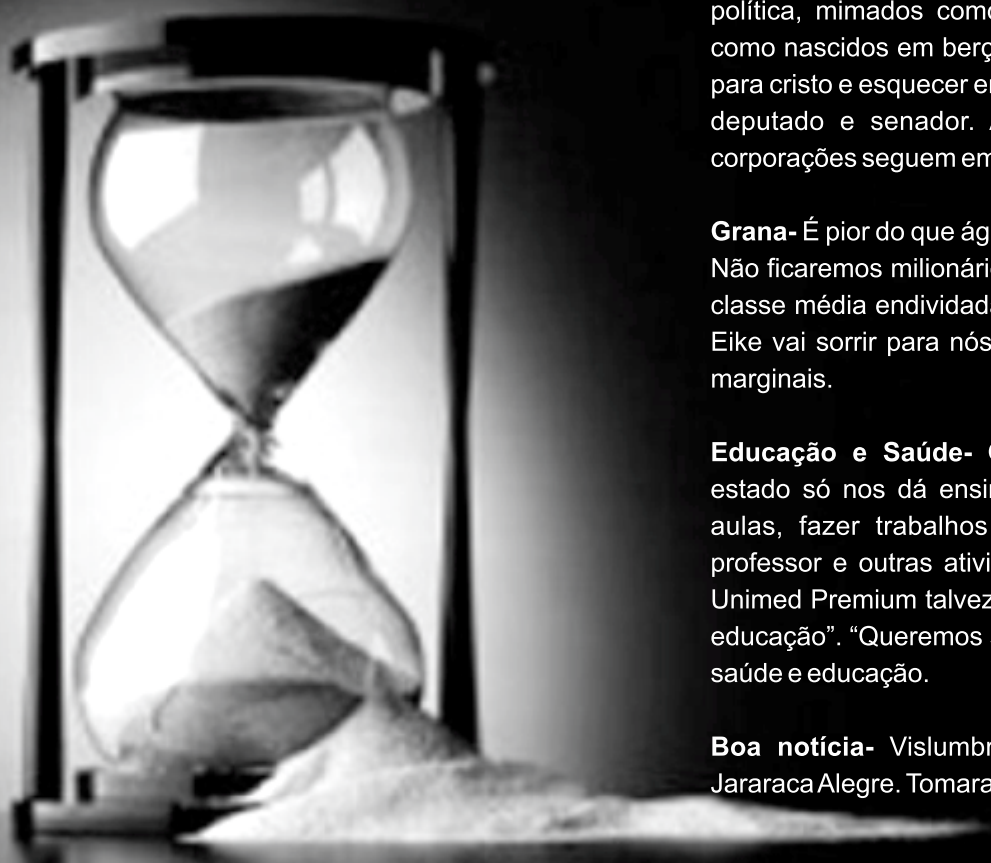
Futebol- A CBF manda e desmanda

Política- Depois de 20 e poucos anos de tutela ditatorial em sua infância política, chegamos à adolescência política, mimados como filhos únicos e esperneando como nascidos em berço esplêndido. Vamos pegar um para cristo e esquecer em quem votamos para vereador, deputado e senador. A politicagem agradece e as corporações seguem em frente.

Grana- É pior do que água. Escassa e sem reservatório. Não ficaremos milionários. Esqueça. O máximo é uma classe média endividada e arrotando parcelas no Visa. Eike vai sorrir para nós, enquanto Thor reina nas vias marginais.

Educação e Saúde- Queremos educação, mas o estado só nos dá ensino. Só que ninguém que ir às aulas, fazer trabalhos, cumprir horário, respeitar o professor e outras atividades. Um chip google e uma Unimed Premium talvez resolvam. “Queremos saúde e educação”. “Queremos saúde e educação”. “Queremos saúde e educação”.

Boa notícia- Vislumbro uma festa de 40 anos da Jararaca Alegre. Tomara que seja em 2015.



la... tenção! Bem vindo à roda dos escarnecedores!
la... tenção! Plantando garfo pra depois colher.
la... tenção! A situação do país ta tão brava que já tem gente fazendo macumba com caldo Knnor!
la... tenção! Masculino: ostentação. Feminino: "as tentação".
la... tenção! Eu sou rebelde porque o mundo quis assim.
la... tenção! Às vezes eu tenho uns medos esquisitos. Tenho medo de cair, por exemplo e morder - e cortar fora - minha própria língua. Daí, ao ligar pro 193, ninguém ia entender nada do que eu tava falando.
la... tenção! To tomando tanto whey protein que vou acabar virando o albuminável homem das neves.
la... tenção! Perdeu a senha? reza pra São Login!
la... tenção! Os livros de Paulo Coelho vendem muito na Páscoa.
la... tenção! Se minha voz é realmente como nos áudios do whatsapp peço desculpas a todas as pessoas com quem já falei na minha vida

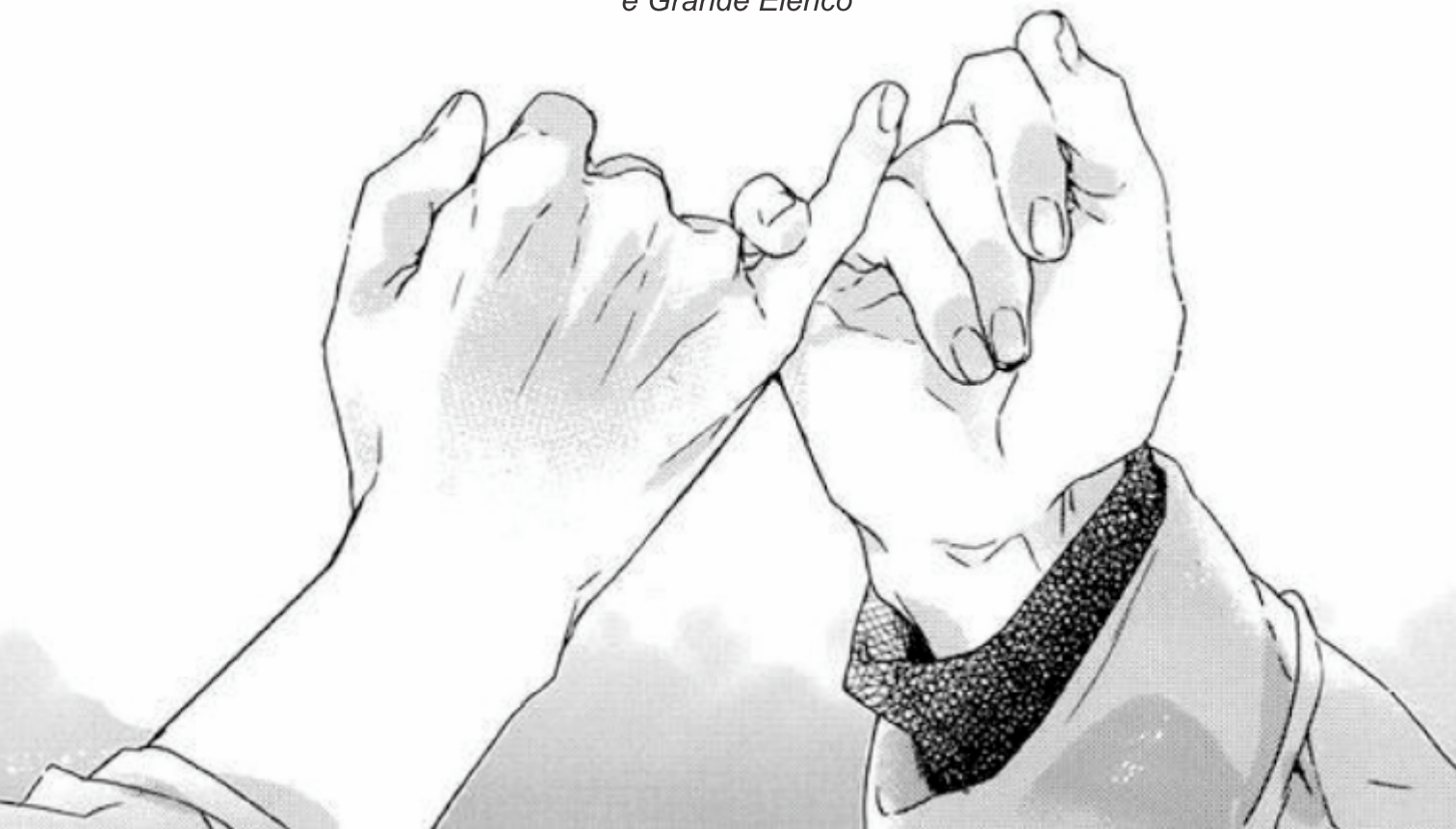
la... tenção! Minha vida amorosa é como um iate... Eu não tenho um iate.
la... tenção! Sujeito estava pensando em ter um filho mas ainda era uma ideia embrionária.
la... tenção! Se for bebê não dirija! Espere até fazer 18 anos
la... tenção! Antes de casar eu não devia satisfação pra ninguém. Hoje, minha mulher disse que não deixaria eu sacrificar umas cabras pra Odin. Estou me sentindo sufocado.
la... tenção! Existe viagra pra coração mole?
la... tenção! Até um show de funk tem um lado bom: o lado de fora.

la... tenção! Digitei "music" na busca do Youtube e só apareceram links de David Guetta, Valeska Popozuda, Kate Perry e similares. Como é que é, as linhas regulares para Marte vão demorar muito pra sair ainda?

la... tenção! Acaba de nascer meu novo personagem. Um super herói que combate o crime com suas propriedades medicinais naturais. Vem aí o HOMEM OPÁTICO!

la...tenção! Esta é a Seção la...tenção!

Camilo Lucas, com a contribuição de Arlene Madeira, Sandra Duarte, Eleonora Sá, André Regal, Leandro Solano, Darcy Mateus, Ricardo Chagas, Osmar Souza e Grande Elenco



la... tenção! Frase de guerra do Homem Opático quando sai em missão: "Estou indo, mas devagar porque vou em doses homeopáticas"

la... tenção! Na mata do Sossego tem um mono carvoeiro que treina futebol e faz cover do Zé Ramalho nas horas vagas. É o Muriqui Ramalho

la... tenção! Paga de povo enquanto compra viagem das crianças pra Disney com cartão visa gold platinum plus.

la... tenção! Nunca sei quando usa esse ou este. Mas ninguém sabe mesmo, então foda-se

la... tenção! Nesse Carnaval eu vou fantasiado de dólar, quem sabe assim alguém me valoriza.

la... tenção! Vai passar o rodo no Carnaval, mas em casa não passa nem uma vassourinha.

la... tenção! Chega! Cansei de ser p a c i e n t e ! C a n s e i !
Agora vou ser médico.

la... tenção! Caratinga, uma cidade onde o poste mijá no cachorro.

la... tenção! Depois de muitas mensagens gravadas, a vivo pede que, ao final, eu dê uma nota pelo atendimento. Como a ligação sempre cai, eles jamais saberão o que acho deles de verdade.

la... tenção! Tem pessoas que são infinitamente menos dignas do que a dignidade que defendem.

la... tenção! Até o horário de verão tem quem o ame e você aí, nessa secura.

la...tenção! Esta é a Seção la...tenção!

la... tenção! Por celulares que desbloqueiem apenas com teste de bafômetro.

la... tenção! Essa é o John que canta. O Paul e o George fazem os backings. Depois eles fumam os backings.

la... tenção! A maconha não foi liberada. Mas o desodorante sim, gente , pode usar ok

la... tenção! Ô gente, um dos requisitos pra ser pinguete é ser novinha, velhinha é velhiguete!!!

la... tenção! "O amor é lindo
Os pássaros são azuis
No fundo da florino
A mulherada louca
Se esparrama pelo chão"

(Olavo Bilouco)

Um ano depois do aparecimento do grupo, os Secos & Molhados estão se preparando para lançar o segundo LP. Os rapazes do conjunto estão fazendo o maior segredo em torno das músicas

que serão incluídas no disco, mas CONTIGO conseguiu furar o cerco e mostra aqui, com exclusividade para você, algumas dicas de como será este novo LP da turma.

A CURTIÇÃO CONTINUA



24 — domingo

Quem foi adolescente nos anos 70, sabe o que foi o surgimento do Secos & Molhados... Em pleno sonho hippie, do fim de todos os tabus,

la... tenção! Na frase "João era dono de um posto de gasolina", João era um sujeito composto.

la... tenção! Era um menino tão mau que se tornou radiologista só pra ver a caveira dos outros.

la... tenção! Nem todo mundo é babaca. Basicamente, só os que pensam diferente de mim

la... tenção! Qual é o robô que acaba com a dor antes mesmo dela acontecer? O exterminaDor do futuro.

la... tenção! Como a esfirra era chamada antes de ter esse nome? R.: Firra.

la... tenção! Incrível! Em pleno mês de março, na capital do Rio Grande do Norte já é Natal.

la... tenção! Quem nasce em Bom Despacho é pai de santo?



Em agosto os Secos & Molhados voltam ao palco num show onde vão mostrar o resultado das pesquisas que realizaram durante esse afastamento da vida artística. Ao mesmo tempo lançam um novo disco onde as letras das músicas são poesias de famosos poetas.



Reportagem: Edo Ribeiro

A expectativa em torno da volta aos palcos dos Secos & Molhados, que se afastaram do cenário artístico há alguns meses para uma temporada de renovação e experiências musicais, cresceu à medida que se aproxima a data das novas apresentações. Aliás, essa expectativa se estende não só ao público, mas aos próprios integrantes do conjunto: afinal, é da continuação do sucesso que depende a sobrevivência do grupo. Por isso, desde que se afastaram, pouca gente teve contato direto com Ney Matogrosso, Gêrson e João Ricardo, os componentes do grupo. Fechados a sete chaves, eles passaram meses pesquisando um novo som, compondo novas canções e bolando um novo show. Porém, agora que se aproxima a data do lançamento do LP, a equipe de CONTIGO conseguiu furar o cerco em torno dos Secos & Molhados e traz em primeira mão para você algumas dicas das novidades que virão por aí.

Utilizando o mesmo esquema que consagrou o grupo em músicas como *O Vinho*,

Sangue Latino e outras incluídas no primeiro disco, o conjunto cria, para o próximo LP, músicas onde as letras são poesias de Fernando Pessoa, João Apolinário e Oswald de Andrade. O álbum deverá estar na praça em meados de agosto, ocasião em que os Secos & Molhados mostrarão, num show inédito, o resultado destes meses de pesquisas e ensaios. Grande parte das músicas já está pronta (algumas até em processo de gravação), e a nova coreografia para os espetáculos está sendo ensaiada diariamente pelo grupo.

AGOSTO, MÊS DAS BRUXAS

Apesar de agosto ser considerado o mês das bruxas, período de azar e maus presságios, Ney, Gêrson e João Ricardo não têm este tipo de preconceito. Animados com a popularidade que atingiram em tão pouco tempo, esperam que o mesmo sucesso se repita nas próximas apresentações.

— Estamos trabalhando bastante em

cima do novo disco — diz João Ricardo — e antes do lançamento oficial do novo álbum, faremos uma temporada em São Paulo para mostrar a evolução do conjunto e a nova coreografia criada especialmente para os novos shows. Aliás, o trabalho que desenvolvemos tem tudo para continuar agradando o mercado conquistado. Apesar de termos preservado o esquema inicial de nossas apresentações, algumas surpresas estão reservadas. Temos certeza de que a espera do público será compensada, pois a vontade de acertar é bem maior do que na primeira vez.

Mas as novidades dos Secos & Molhados não param aí. Além do disco e dos shows, o grupo tem outros projetos em mente. Por exemplo, a criação de uma etiqueta própria. A produção de filmes curtos (mídia de 3 minutos) para promover o grupo no exterior e ainda a criação de uma organização para cuidar da administração, promoção e dos interesses gerais dos Secos & Molhados.

contigo 25

la... tenção! A MENOR CRÔNICA DO MUNDO: "Era uma foi."

la... tenção! O que um esqueleto caipira disse pro outro esqueleto? R. Ô sô!

la... tenção! Maconheiro que é maconheiro só usa cueca de seda!

la... tenção! Melô do pão duro, by RC: Amanhã de manhã, vou pediu UM café prá nós dois...

la... tenção! A vida das celebridades, como mostrada nos sites e publicações especializados, é repleta de nada, cheia de vazio, rica em banalidade e farta em valores negativos. O altíssimo ibope que alcança revela muito do nível intelectual do brasileiro comum, o qual, com seu título de eleitor na mão, provoca mais acidentes do que os motoristas alcoolizados.

la... tenção! Pessoal, não se preocupe. O mundo não vai acabar! O que vai acabar é só a vida humana sobre a Terra.

la... tenção! A Bancada é evangélica, e o Estado é "like".

la... tenção! O que é que um pato faz com uma pata no escuro? Manca.

la... tenção! Meu braço ta ficando tão curto pra ler que agora vou ler usando um pau de selfie.

la... tenção! Ce tá no salão do carnaval e azara uma menina, mas ela fala que não vai rolar porque ela gosta é de mulher. QUAL O GÊNERO MUSICAL QUE ESTAVA R O L A N D O ?

preconceitos, repressões internas em plena era da repressão total nas ruas. Este recorte de revista só não previu o fim do sonho dias depois

la... tenção! Você é feio assim mesmo ou seu relógio do Bem 10 travou no modo monstro?

la... tenção! Ohaio, o estado americano que não cai duas vezes no mesmo lugar.

la... tenção! Quando penso em nós dois, deixo tudo pra depois.

la... tenção! Dois sapatos estavam brigando. Como saber qual se machucou? R.: Basta ver qual tamanco

la... tenção! O mundo é bipolar: tem Pólo Norte e Pólo Sul.

la... tenção! O que o ET foi fazer em São Paulo? Ver o tio ET

la... tenção! Deve ser foda ser professor de natação, você ensina, ensina e o aluno nada.

UFBA

23 de janeiro às 10:22 - Editado

Pro pessoal da Área:

1. Uma célula humana contém 75 MB de informação genética.
2. Um espermatozoide tem metade disso, ou seja, 37,5 MB.
3. 1 ml de sêmen saudável tem aproximadamente 100 milhões de espermatozoides.
4. Uma ejaculação média dura 5 segundos e contém 2,24 ml de sêmen.
5. Ou seja, a "velocidade da conexão" ou "throughput" médio de um homem saudável é de $(37,5 \text{ MB} \times 100.000.000 \times 2,24) / 5 = 1.761.607.680.000.000 \text{ bytes} / \text{segundo} = 1,76 \text{ Terabytes} / \text{segundo}$. Isso quer dizer que o óvulo feminino suporta um ataque de DDoS (Distributed Denial of Service) de 1,76 TB/s, e só permite a passagem de 1 pacote durante sua "conexão", fazendo dele o MELHOR FIREWALL DO MUNDO.

Fonte: Arial 12

AhNegão.com.br

John x Jerry



O show ia muito bem, até que John Lennon chega no local e começa a chamar mais atenção da plateia do que o próprio Jerry Lee Lewis. Todo mundo comentava algo e as atenções estavam viradas para Lennon. Jerry Lee, furioso, começa a tocar uma versão selvagem para "Jerry Lee Rag", porém nada que acontecia naquele palco parecia desviar a atenção do pessoal, até que Jerry manda a banda parar de tocar e começa a falar no microfone um monte de besteira sobre os Beatles e o quanto as músicas deles eram uma merda. Mete o pau também nos Stones, bradando que ninguém fazia Rock nesse mundo como ele próprio. Lennon adorou a atitude de Jerry, subiu no balcão e ficou gritando em direção ao palco: "podes crer, os Beatles eram uma bosta mesmo cara!" Todo mundo começou a dar risada da situação e Jerry não entendeu nada, pensando que Lennon estava mandando-o ir tomar naquele lugar.

Jerry arrastou o piano pelo palco e o destruiu em pedaços. O pianista sempre andava armado e, pela sua reação, parecia que ele puxaria sua arma a qualquer instante e começaria a disparar na direção de Lennon. O público começou a deixar o local e o clima ficava cada vez mais tenso, até o show ser interrompido e Jerry Lee ser levado à força para os camarins.

Jerry estava sentado sozinho e de cabeça baixa, no camarim, completamente vazio. Antes que qualquer palavra fosse dita, a porta se abre e John Lennon entra!

Um silêncio mortal se instalou e, sem que ninguém esperasse, um gigantesco guarda-costas se atira de joelhos na frente de Lennon e começa a chorar! O sujeito beijou a mão de Lennon e falou: "Eu esperei mais de vinte anos para conseguir um autógrafo do deus do Rock n' Roll!". Jerry foi logo buscando algum objeto para atirar contra o roqueiro inglês. Chegou a conferir em sua bota de cano alto se sua arma estava por ali. Lennon, sentindo que o clima ia realmente esquentar, rapidamente assinou o pedaço de papel para o segurança. Rasgou um pedacinho do mesmo papel, roubou a caneta do fã e se dirigiu para Jerry Lee. O beatle repetiu passo a passo a idolatria que tinha acabado de protagonizar: ajoelhou-se, beijou a mão de Jerry e falou: "Eu esperei mais de vinte anos para conseguir um autógrafo do verdadeiro deus do Rock 'n Roll!".

Jerry se deleitou com a atitude inesperada de Lennon. Assinou o papel e começaram a conversar como se nada tivesse acontecido...

Citado por Bento Araújo no site whiplash.net

MACHINHA DE CARNAVAL!!!

la... tenção! Supunhetamos que o mundo viesse acabar.
Que siririca de nós?

la... tenção! A arte de limpar a bosta salpicada na privada
com o jorro do mijo.

la... tenção! Se uma pessoa tem fé, várias juntas tem
fezes?

la... tenção! Se eu fosse interesseira teria casado com o
"porque", que tem 4 empregos diferentes.

la... tenção! Siga aquele carro... Não tem como , ele não
tem twitter.

la... tenção! Sabe o que o mosquito aedes aegypti disse
quando foi picar uma vítima:? ADEMG INFORMA
kkkkkkkkkkkk

la... tenção! Fui me consultar com uma vidente, bati na
porta e ela perguntou "quem é?" – Fui embora na hora.

la... tenção! Qual é a doença transmitida pela urina do
mouse? Laptopsirose.

la... tenção! Quando um X-Man faz 15 anos, eles fazem um
baile demutante.

la... tenção! Ponha o livro do Guinness no liquidificador e
bata todos os recordes!

la... tenção! O que seria, um jovem que gosta de reestart,
se depila e usa creme, corta o cabelo seguindo
"tendências", usa calça colada, e, de quebra, gosta da
saga crepúsculo, mas, por enquanto, ainda tem
namorada??

.
.
.
.
..
Um "pré-dador"!!!!

la... tenção! O que o ET falou para a mulher dele? Vamo
ET?

la... tenção! Por que o caminhão de frigorífico não sobe a
ladeira? Porque elingüiça

la... tenção! Por que o jacaré tirou o jacarezinho da escola?
Porque ele réptil de ano

la... tenção! Cerveja bem. Campari as coisas. A vida é
drurys. Tá rum Bacardi. Vou morar com a minha vodka.



la... tenção! Falar de mim é fácil, quero ver lavar minha roupa.

la... tenção! Informação não é conhecimento. (atribuído a Einstein, Albert pelo facebook)

la... tenção! Quando eu era pequeno tinha medo de bêbado. Agora eu sei que a gente não faz nada

la... tenção! Fita crepe é igual sofrimento: uma hora acaba.

la... tenção! A Mamãe Noel proibiu o Papai Noel de sair de casa porque ela não gosta de ver um monte de pentelho em volta do saco.

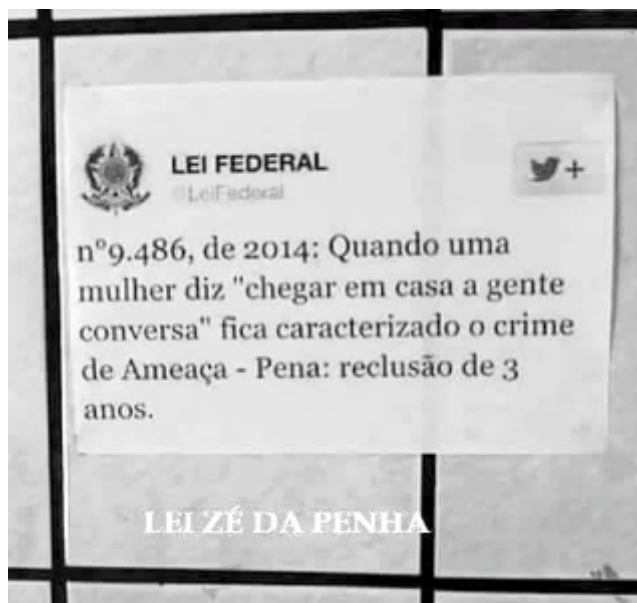
la... tenção! Não entendo essa gente que fica reclamando do sol.

Antes sol do que mal acompanhado.

la... tenção! Hoje na aula de maquiagem artística aprenderemos a fazer os outros de palhaço.

la... tenção! Toda uma geração que anda olhando pro celular e rindo sozinha.

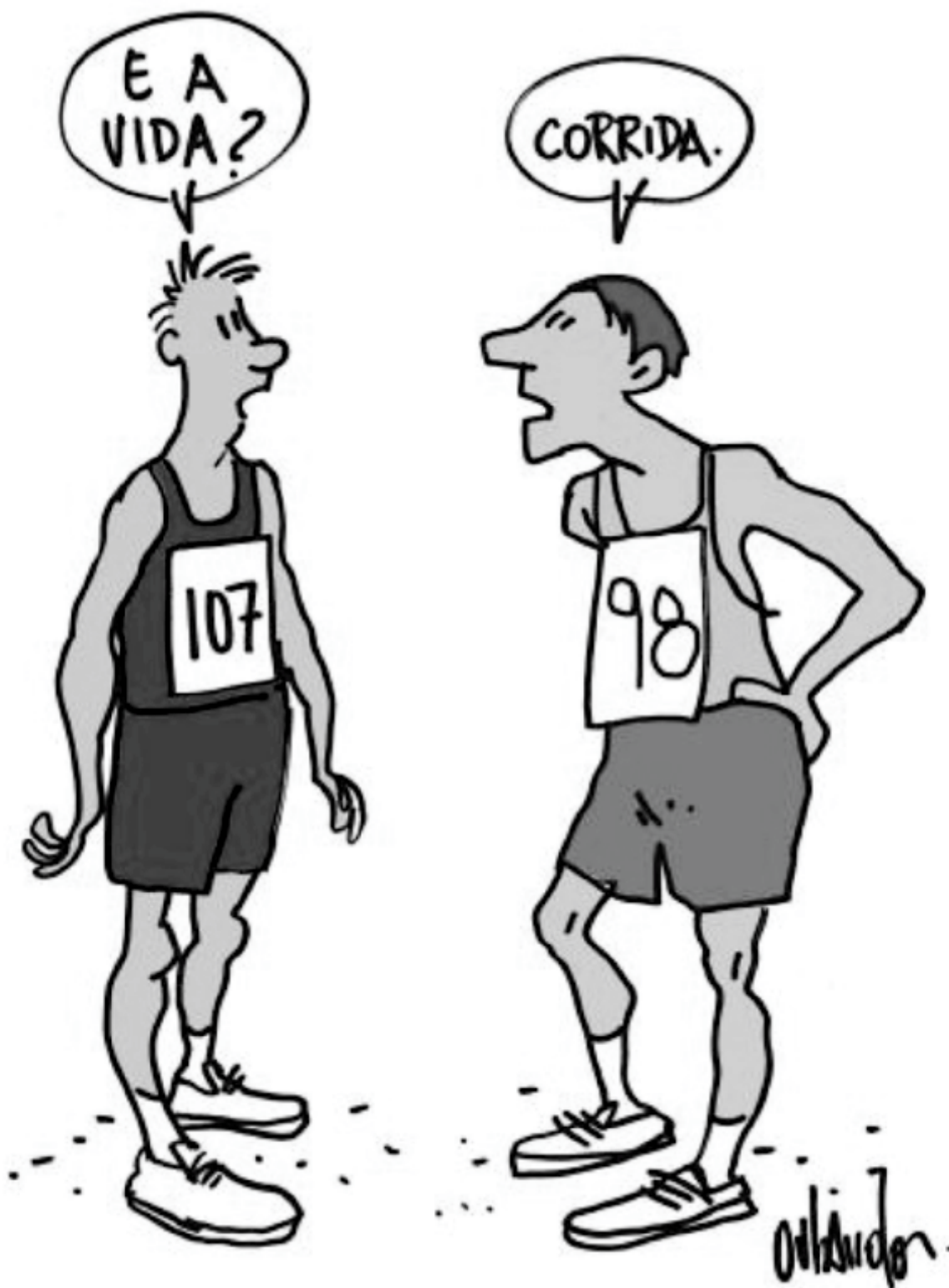
**la...tenção! Acabou a seção
la...tenção! Muito obrigado
pela a...tenção!**

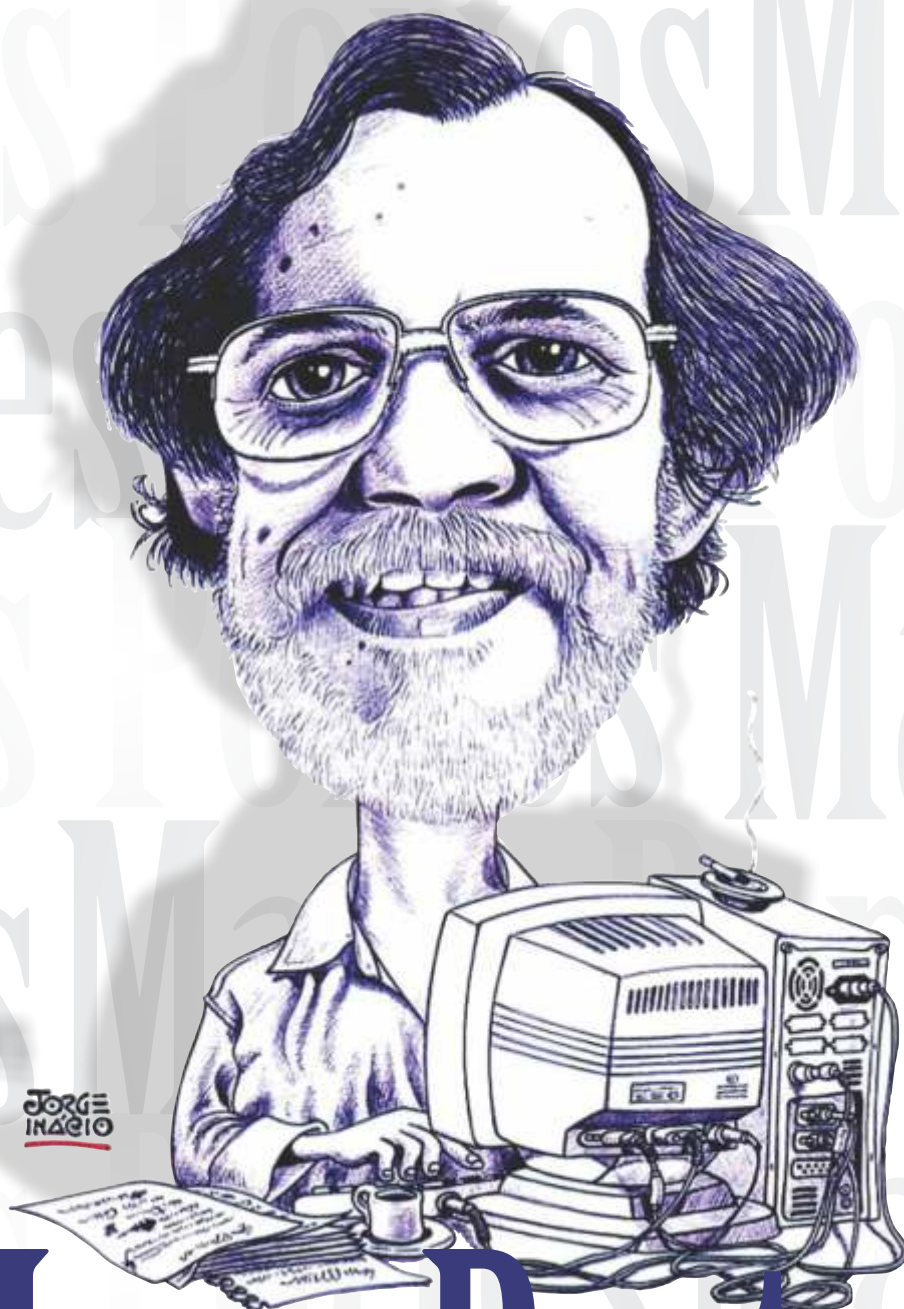




Orlando

Cartunista e ilustrador





Maxs Portes

Feliz sou eu, que, para editar a Jararaca Alegre, sempre tive como um leitor crítico o escritor e editor Max de Figueiredo Portes, o Maxs. Graças a seu conselho, a J. A. saiu do fanzine em papel jornal para a gourmetização editorial. Mais feliz ainda sou eu por tê-lo tido como um amigo, ter gozado do seu afeto, ter tido sua companhia com fartura. Maxs foi um mestre, um colaborador de luxo da J.A., uma companhia nos fins de tarde em BH e, depois, em Caratinga, pra onde ele quis voltar. Convoco agora meus colegas de redação que também foram amigos dele. Vamos relembrar Maxs Portes e aproveitar para apresentá-lo melhor aos leitores da Jararaca Alegre.

Camilo Lucas - Editor
Ilustração: Jorge Inácio



MAXS ERA ASSIM

Camilo Lucas

Editor da Jararaca Alegre



«Conheci o Maxs quando...» - É sempre assim que começa, não é? então, eu conheci o Maxs quando fui a uma noite de autógrafos no Cine Brasil, e ele autografou um livro infantil para meu filho Felipe, que ainda ia nascer. Assim, dá pra lembrar pelo menos o ano: 1985 ou 1986 (é, não lembrei tanto assim, não).

Mas a obra eu já conhecia. Ao menos um pouco. Maxs era um dos «caratinguenses ilustres», categoria de cidadãos de minha cidade que foi assim denominada a partir dos anos 60, quando Caratinga bombava: A Miss Brasil (Stael Abelha) era de Caratinga, Ziraldo comandava o Pasquim e era de Caratinga, Agnaldo Timóteo só vendia disco de ouro e era de Caratinga, e tinha os jornalistas Ettiene Arreguy e Ruy Castro brilhando no jornalismo nacional, entre outros; enfim, a cidade é culturalmente conceituada até hoje por causa disso. A partir daí, foi criada esta categoria, na qual Maxs se enquadrava, e eu finalmente o conheci pessoalmente.

Achei ele um cara muito bacana, pelo tanto que ele era. Ganhador dos prêmios mais importantes da literatura nacional etc (nos outros textos desta edição você confere isso). Eu era editor do jornal A SEMANA

CARATINGUENSE na época, e a partir daí, recebi sua visita algumas vezes na redação e quando vi, estava sentado com ele bebendo no Bar do Quinzinho.

Sentava com ele, Flávio Anselmo, Mário Scchetino e outros da velha guarda, e o juvenzinho aqui ficava bebendo daquela sabedoria toda. E pronto, apesar da diferença de idade, fiquei brother do Maxs.

Ele criticava muito o aspecto «fanzine feito nas coxas» da Jararaca Alegre daquela época, até chegar o dia em que me fez imprimir uma edição inteira de novo. «Joga isso fora e faz outra», e diante da minha dúvida, «se for por causa de dinheiro deixa que eu pago».

Daí a pouco, eu estava colaborando com ele na edição dos livros da sua Editora Cuatiara, fazendo capa e ilustrações. E sempre conversando, aquela conversa saborosa, inteligente, fina e elegante (e sincera). Apresentei pros meus amigos Impublicáveis, em BH, pois sabia que se dariam bem. E lá vem o Maxs morar em Caratinga. «Cansei de correria», ele dizia. Veio



Meu amigo Maxs

a convite do recém-eleito prefeito João Bosco, que lhe nomeou consultor de Patrimônio Cultural e, depois, Secretário de Cultura de Caratinga.

Os dias na cidade ganharam outra rotina. Como se vê nas fotos da ilustração, dividíamos nossos trabalhos entre as «Terças Nobres» no Trindade, os happy-hours no Recordare, o cafezinho no Sr. Wilson, o espresso no Medcenter Café, os eventos culturais no Casarão das Artes, com sua Glória.

Sempre reunindo nossa estranha confraria: Raul Miranda, Sylvio Abreu, Manoel Boca, Juarez, Paulo Vieira, Lysias Leitão, estes da turma da J.A.; Leo e Breno Valadão, Lilian, Milena, Bia, Tiago Motta, Gilsinho, Cotinha, Vado Guido, Biscoito, Humberto e outros da Terça Nobre; e, sem a minha participação, o resto do tempo ele estava com seus confrades do Rotary ou com os imortais da Academia Caratinguense de Letras.

Mas às vezes ele dava um «perdido» na gente para suas reuniões de cúpula com o Zé Luis, seu amigo de infância, no bar do Lair, na

rua Princesa Isabel.

Aí você pensa, «nossa, como esse cara bebia». Que nada. É que ele gostava de fazer sua mesa redonda, seu Sempre um Papo, seu Sem Censura, seu Roda Viva, numa mesa de boteco. A cerveja era pretexto para longas elucubrações sobre a perda do aspecto histórico de Caratinga, sobre literatura, sobre mulheres, sobre projetos, sobre tudo.

Conviver com o Maxs me fez um cara melhor. Me chamava de «Gafanhoto», e eu, a ele, de «Mestre». Isso tudo tinha um carinho muito grande embutido. Conviver com um mestre de igual pra igual é privilégio pra poucos. E é isso que ele foi. Um mestre na literatura em todos os aspectos. Um mestre na amizade, na vida, na inteligência, na sabedoria.

E ainda por cima, um gentleman.

Como secretário de Cultura, Maxs transformou a mim e a outros «caratinguenses ilustres», categoria à qual acabei anexado, em selos. Em vida.

Isso mesmo: selos de correio, numa série especial do aniversário da cidade.

Quem mais faria isso??



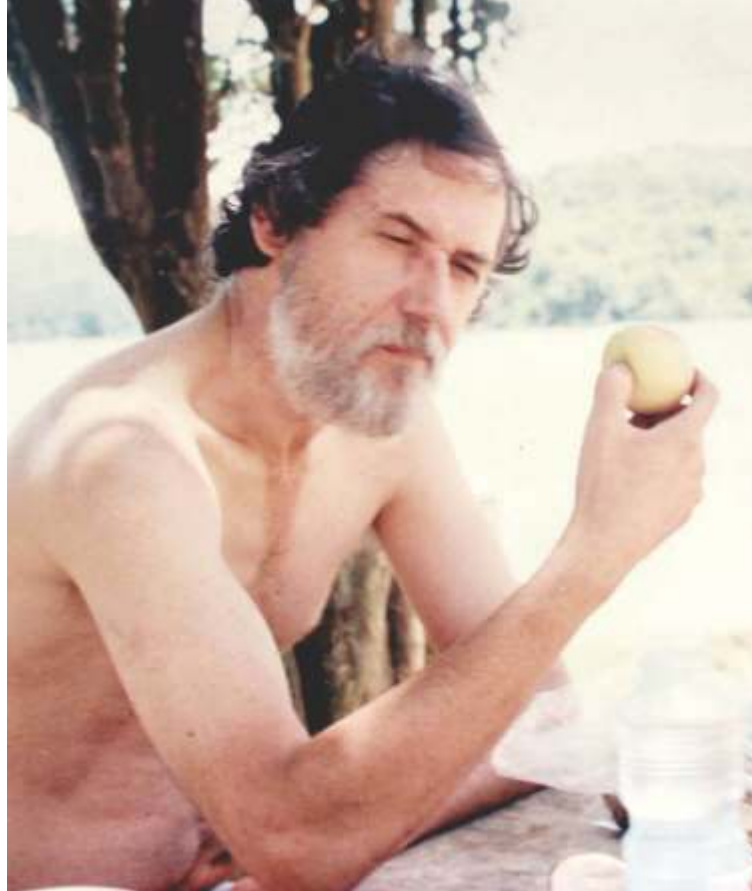
Meu ator, meu editor

Eu tinha 25 anos, com a maturidade de 15. Estava bebendo com o Sylvio Abreu no antigo L'amore, em Caratinga. Acho que o Sylvio me tolerava porque eu era bom em fotografia e, como ele, ateu. O Sylvio, de repente, me falou que o Maxs Portes acabara de passar na porta do L'amore. Eu podia ser inculto, alienado, mas pelo espírito empreendedor da minha família, tentava aproveitar as oportunidades. Súbito, deixei o Sylvio e corri feito um louco atrás do Maxs. Ele, acompanhado da Glória, pessoa, esposa – a glória, e a Glória com ele, me apresentei ofegante, apressado, falei do projeto de um livro de fotografia com poemas. Ele me passou o número do telefone. Foi o início de uma amizade e parceria que durou.

Eu, aos 25 anos, um menino estrábico, recém saído da Assembléia de Deus, sem acesso à cultura, aos livros, exceto pela minha convivência com o pessoal do jornal *A Semana Caratinguense*, onde fui fotógrafo e, finalmente, repórter por 5 anos, com o Camilinho, Juarez e outros me trazendo uma influencia libertária. Mas não é sobre mim que quero falar, é sobre o Maxs. Eu achava o Maxs um Deus. Disse isso para ele uma vez, quando estávamos acampados com amigos, numa pescaria frustrada, porque o Maxs me pediu para levar anzóis e eu, que não entendo nada de pescaria, levei os tamanhos errados.

A editora Cuatiara do Maxs publicou meu primeiro livro. Como deus, ou Deus, Maxs se tornou imortal. Com seu estilo marcado na literatura original da cultura de raiz do nosso Brasil. Com sua linguagem bem editada, bem cuidada, prazerosa para quem valoriza nossas origens, escreveu mais de 50 livros, quase todos com importantes prêmios.

Maxs participou como ator de um filme que fiz, foram outros dias que tive o prazer de conviver com ele. Influenciou centenas de escritores. Parecia solene, sério, mas para quem



convivia com ele, era apenas convívio agradável. Viveu a vida como poucos viveram. Era religioso, sonhador. Não perdeu aquela inocência que a maioria de nós perdemos no final da infância.

Me impressiona até hoje uma fotografia do Maxs, quando tinha cerca de 2 anos, segurando um relógio despertador. Seu pai era relojoeiro. Esta foi capa do maravilhoso livro dedicado a Caratinga, *Memórias da Casa de Dentro*. O tempo foi a matéria prima de muitas de suas obras. Seu tempo passou? Morreu? Um Deus pode morrer? Não sou tão convicto do meu ateísmo assim. *Memórias da Casa de Dentro* termina assim:

“Se mais viver é o buscar-se
do que se dando por viver
que importa o escuro lá fora
que importa onde fiquei em mim?
Viajo dentro – iluminado..”



Elizeu com seu irmão Naor e Maxs, no lançamento do livro «Chão Interior»



MAXS MESTRE

Lysias Leitão

Diretor da Rede Doctum
de Ensino e poeta

Marx

Bendito é o Senhor
Que te fez
Meu amigo,
Querido poeta.
Bendito é o Senhor
Que te fez
Poeta e escritor,
Meu amigo.
Bendito é o Senhor
Que te fez
Amigo de muitos
E amado por tantos.
Bendito foi o Senhor
Que em Glória
Te fez homem
Te fez metade.
Bendito foi o Senhor
Que te fez em tantos
Que tanta saudades
Deixou.
Bendito foi o Senhor
Que te espremeu
Te fez gemer em Fé
Te consumiu
E te levou
Para a Glória.

Conheci Marx através de suas poesias: lia, relia tudo que encontrava ou me apresentavam dele. Decorava algumas, numa época sem os recursos tecnológicos de hoje. Não era fácil encontrar textos ou livros publicados, mesmo que fosse ele nosso conterrâneo. Fui apresentado ao Marx e a Glória, numa festa em homenagem ao Ziraldo, promovida pela Marilene Godinho, no saudoso Cine Itaúna. Dali pra frente, foram quase 30 anos de uma amizade silenciosa, distante fisicamente, que se renovava a cada encontro. Me enviava livros recentemente publicados, com um enorme carinho na dedicatória; "Ao amigo trovador oficial de minhas prosas". Marx foi daqueles Homens que não vêem a vida passar debruçado numa janela. Entrou e saiu por várias portas da frente, sempre de cabeça erguida. Editou o Livro de nosso saudoso Pai Uriel, "Testemunho de Fé", com muito carinho. Quis Deus que ele terminasse seus dias em sua terra Natal. Quando retornou, nos encontrávamos sempre, em caronas, quando o via no ponto de ônibus em frente a Petisco, ou em nossas "Terças Nobres" no Trindade. Foi dele a ideia de publicarmos o livro "Amor em três tempos", daí surgiu o último livro editado por ele, sendo um dos autores, acompanhado por Juarez e eu, com texto do Camilo e gravuras do Paulo Vieira. Publicou 49 livros, e deixou outros tantos aos cuidados da Glória e de nós para serem editados. Muitas de suas Obras estão hoje nas Bibliotecas (quando tem) das escolas públicas do Brasil.

BENDITO FOI O SENHOR QUE FEZ VOCÊ, querido MAXS.



MAXS ERA ASSIM

Robert de Andrade

Escritor, editor do site osimpblicaveis.com.br
e diretor da Editora Sao Geronimo

Maxs só foi ali receber um prêmio

“Mas sou capaz de jurar: os doutores andam misturando um linguajar muito difícil no meio da conversação deles. Se bem que o que já ouvi falar do nosso português chegar a ter, além das palavras comuns, até o palavrório mais o palavrão, sem nenhum chingamento”.

Maxs Portes fez da simplicidade seu principal instrumento. Contava sua aldeia, numa engenhosa concatenação de ideias bucólicas, de gente que não carecia de muito conhecimento gramatical para se expressar, mas sim da vivência. Vivência essa que dava nome ao que ele chamava de seu estilo literário: o rocismo.

Dizem que os grandes escritores não morrem, se eternizam. Maxs já era eterno quando o conheci e, felizmente, vivo. Sexagenário, esguio, barba rala, cabelos brancos e finos, e de uma singeleza que não condizia com os 40 livros publicados e 54 prêmios literários recebidos, chegando a ser agraciado no mesmo ano nas três categorias – conto, romance e poesia – do Prêmio Cidade de Ouro Preto.

Eu, por outro lado, era um meninote cheio de pretensões literárias. cursava Produção Editorial, graduação que Maxs acabara de concluir, isso depois de ter conquistado todos os prêmios e publicado as inúmeras obras mencionadas anteriormente, morado 2 anos na França, onde estudou artes

gráficas. Diferente alguns dos escritores que acreditavam *ser* a cena literária mineira, olhando de soslaio os recém chegados, Portes me recebeu de braços abertos nos botecos da redondeza e em sua casa.

Com ele não tinha rasgação de seda, pelo contrário, vivia me chamando a atenção: “você usa ‘que’ demais”, “seus períodos são muito longos”. Em nossos encontros me sentia um escritor de verdade, mesmo sem ainda ter publicado nem um livro. Entre cigarros, cervejas ou cafés eu era o interlocutor não só do escritor, mas também o amigo e, principalmente, o editor das Edições Cuatiára.

Maxs era muito exigente com as qualidades gráficas e literárias das obras que editava, montava as bonecas como um monge copista, refilando e fazendo vincos com estilete. Uma vez convenceu Camilo a reimprimir uma edição inteira da Jararaca Alegre. “A revista é muito boa, mas esse papel é uma bosta, isso é coisa de jornal”, disse. Camilo tentou se defender: “A Jararaca é assim mesmo, antes eu fazia no mimeógrafo”, mas ele não arredou pé: “Era assim, Camilinho. Agora você tem que se profissionalizar”. Eis que o gafanhoto ouviu seu mestre e hoje temos a Jararaca em policromia e papel couché.

Maximiliano Maxs de Figueiredo Portes nasceu, em 1944, na cidade de Caratinga. Tinha tanta devoção por sua terra que em Belo Horizonte morou na esquina da Rua Caratinga





com Avenida Francisco Deslandes, no bairro Anchieta. Foi nesse endereço que ele e sua esposa, Glória, muitas vezes me receberam no intervalo entre o trabalho e a Faculdade. Foi também onde produzi um breve documentário sobre ele para um trabalho da disciplina de cinema. Seu apartamento ficou cheio de alunos curiosos, gente passando para lá e para cá, deixando agitadas suas cachorras Petit-Pois, Nid e Yuka (a preferida). Gravamos até tarde, eu já estava preocupado com o incômodo que vínhamos causando. Quando acabamos, Maxs, cheio de energia, mandou buscar cerveja.

Foi Camilo quem me apresentou Maxs, mas foi Maxs quem me apresentou Caratinga. Fizemos uma viagem maluca para irmos à festa "Trem bão é buteco", com partida programada

para as 8 horas da manhã de domingo e retorno no mesmo dia, pois eu trabalharia na segunda-feira. Foram seis horas de conversa, parando em todos os lugares que ele achava interessante, fosse para a comer a empada mais gostosa da região, comprar um queijo ou conhecer a cidade de Realeza.

Depois disso, Maxs Portes voltou para a sua terra em definitivo e não nos encontramos mais. Há dois anos decidi visitá-lo nas minhas férias. Fui sem avisar. Chegando na cidade, nos falamos por telefone, no entanto ele iria receber uma homenagem e dessa vez não poderíamos nos ver. Não deixamos nada marcado, mas de qualquer modo sei que nos encontraremos no derradeiro cortejo dos "Mortos de Catolé."





Meu caríssimo Robert: Bom dia.

Ontem, domingo manhoso de primeiro de junho, “li você” no correio eletrônico a mim enviado. Seu comentário a respeito de “minhas obras” e sobre mim, confesso haver me enriquecido de vaidade!

Ler um escritor e conversar com um personagem

“Meus personagens já estavam prontos”, disse entre um gole e outro de cerveja. A mesa estava cheia e todos queriam falar ao mesmo tempo, o que não é nenhuma novidade; como diz Kundera: ouvimos o outro só até ele terminar e nós começarmos, pois na verdade ninguém quer ouvir, todos querem falar. Discordo do escritor tcheco quando sou o interlocutor de Maxs Portes. Ele discorre despretensioso sobre seu processo criativo e emenda um comentário cotidiano e filosófico. Agora é minha vez de falar, mas falar o quê? se com grande sutileza e naturalidade, meu caro Maxs acabou de dizer tudo; disse tudo que eu iria falar e mais um tanto. E quando ele revelou que suas personagens já estavam prontas, eu quis reler o lido, ler o não lido e sair por aí tentando identificar essa gente toda que ele traz nas histórias.

Após ter conhecido o escritor pessoalmente, a leitura extrapolou sua obra, e o termo “ler Maxs Portes” deixou de ser uma expressão errônea, como certa vez me corrigiu o autor Sérgio Fantini, dizendo que não lemos o escritor, mas sim o texto que ele produziu. Por isso, afirmo sem medo de ser corrigido, que hoje leio tanto a obra quanto o autor caratinguense. É impossível, após o estreitamento da minha relação com o Maxs, ler seus escritos e dissociá-lo do cenário ficcional de seus enredos. Tanto Portes quanto o Fantini, além de diversos teóricos da literatura, já me falaram sobre o caminho próprio que o livro segue, deixando de pertencer ao autor, no entanto, deixo a pergunta: mas e o autor, ele deixa de pertencer ao livro? Maxs, ao me falar sobre

seus personagens, acentuou minha impressão de que vez ou outra ele é quem se vestiu de Ornestaldo, Zenildo, Emiliano e outros tantos, e fez das agradáveis e descompromissadas conversas uma extensão da sua literatura.

Talvez não sejam todos os que conhecem o Maxs Portes escritor e o narrador empírico de seus livros que não consigam fazer a distinção entre ambos. Talvez essa concomitante leitura livro/autor não me ocorra novamente numa outra ocasião e com outro escritor, mas o fato é que essa confusão tem resultado em lucro. Afinal, não é todo dia que tenho insólita experiência de tomar cerveja com um personagem antológico e ler um “autor” admirável.

Robert de Andrade

Escrevo porque gosto. Nem sei se é deveras por necessidade. Viajando por mim encontro os personagens de meus ontens, tanto na relojoaria do meu pai conversando com os clientes, como falando aos empregados das fazendas dos meus tios, ou comigo mesmo, pelaí, se penso que a começar por nós somos os outros. E, um dia, quando um universitário me perguntou qual era o meu estilo literário, sem pensar respondi que é *rocismo*, ou seja, escrevo como sou e o meu jeito de viver. Vindo da roça pequena para uma roça grande que é a capital, apenas conservei a mim, trazendo no embornal dos meus sonhos e vivências as minhas ruminanças cotidianas. Daí, não faço nada de diferente. E quando posso falar alguma coisa, principalmente na roda de amigos, meus personagens e eu estamos juntos. Se eles pertencem a um ou outro livro meu, eu não pertenço. Os livros são deles. Apenas os escrevi. E, graças a Deus, jamais senti aquela “dor do parto”, nem estresse, nem alucinações após o livro escrito. Há quem passe por este 'drama'... Eu, não. Compreendi há muito que a um livro terminado não existe mais lugar para mim ao lado daqueles determinados personagens. Aí, invento outro. Simples assim. Quando se faz o que gosta, é prazer. É exercer o ficar-só sem ser sozinho. E isso vale para o ato de escrever poemas, contos, textos infantis, juvenis, o que desejar. Sobre poema, por oportuno (gosto de dizer poema no lugar de poesia, porque poesia vem do grego “*poíesis*”, que é “a ação de fazer algo” assim, viver já não é “fazer poesia”?), lembrei-me de que ao prefaciar o livro de Nonato



SININHA

Sininha:

O que posso mais, oferecer a
você no que sou e tenho sido?
Aqui está a fita prometida! É o
meu cantinho de passado - por
leiro, guardando você na
cápsula do meu coração.
(E se não gostare desta lembrança
da minha, não me importo.
Também não gosto!)

Beijos do seu,

13.10.87



Além de escritor, Maxs Portes era
ilustrador, designer gráfico e editor.
Inspirado em sua esposa Glória Borges,
criou a personagem «Sininha», como
aquela fadinha, e fez com ela tirinhas
românticas e espirituosas. Estas tirinhas
vem sendo publicadas na Jararaca Alegre
desde 2010, cedidas pelo Maxs. Aqui,
publicamos algumas delas, em
homenagem à companheira que esteve
ao seu lado até o fim.



1991 2 DE MARÇO DE 1991 • JUIZ DE FORA •

TRIBUNA D

Max de Figueiredo Portes

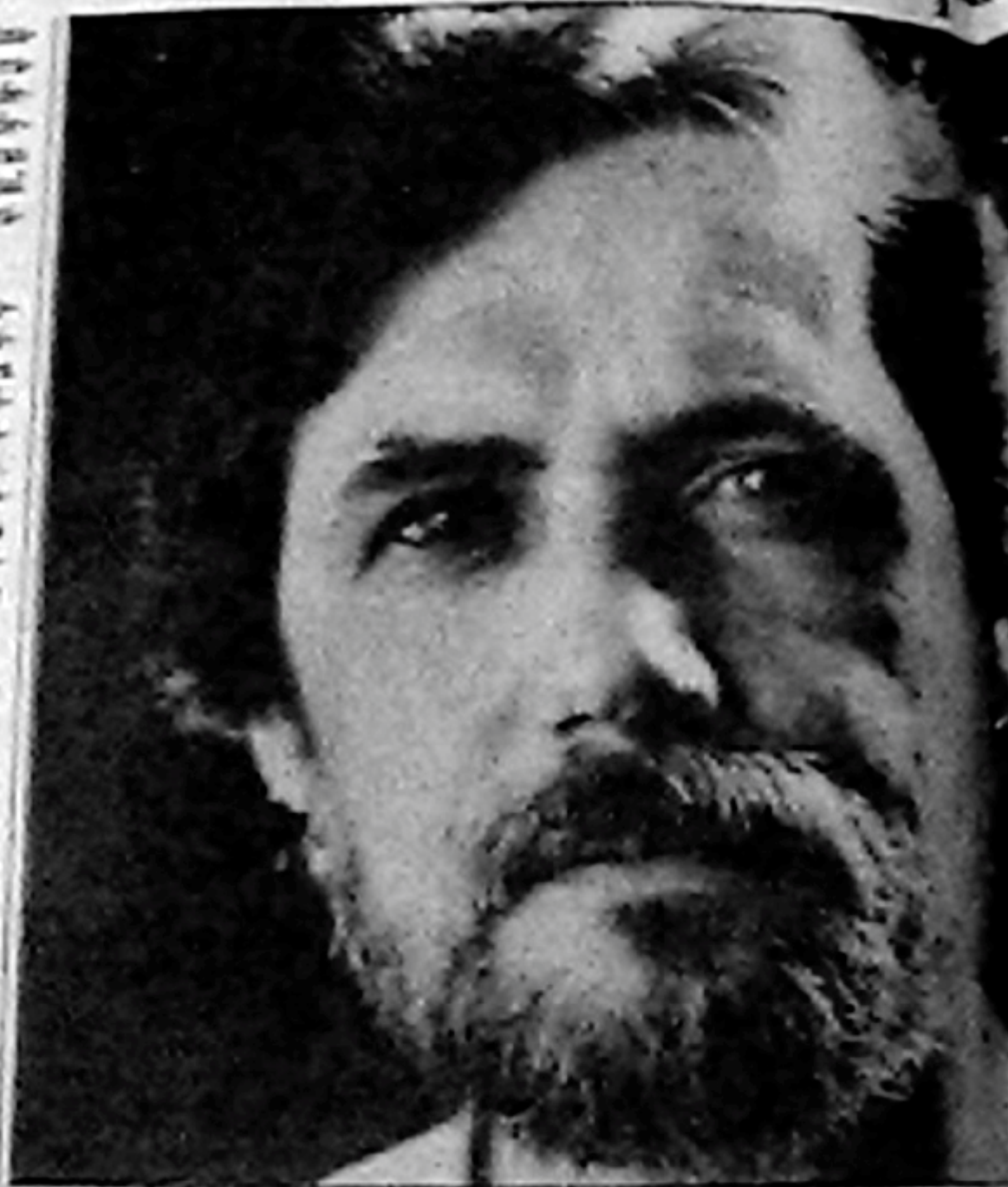
-Quando o brasileiro descobrir que
importados, saberá avaliar o que

Depois de um longo período de ausência da cena literária nacional, Max de Figueiredo Portes retorna de uma viagem por terras estrangeiras com obras que demonstram a sua maturidade literária e o controle da linguagem.

Max de Figueiredo Portes é um dos escritores mais importantes que a literatura brasileira tem hoje. Ele é autor de vários livros, incluindo o romance "Marum", que foi publicado em 1988. O livro é uma história de amor e de luta social, ambientada no Rio de Janeiro. Max de Figueiredo Portes é um dos escritores mais importantes que a literatura brasileira tem hoje. Ele é autor de vários livros, incluindo o romance "Marum", que foi publicado em 1988. O livro é uma história de amor e de luta social, ambientada no Rio de Janeiro.

"Marum" é uma história de amor e de luta social, ambientada no Rio de Janeiro. O livro é uma história de amor e de luta social, ambientada no Rio de Janeiro. O livro é uma história de amor e de luta social, ambientada no Rio de Janeiro. O livro é uma história de amor e de luta social, ambientada no Rio de Janeiro.

do com a questão de
acesso do povo à lite-



DE MINAS

...é um ledor de textos vazios.
...é rica a nossa literatura"

Minas perde Max Portes

Escritor morreu na noite de domingo, em Caratinga, em decorrência de um câncer de pulmão

Um dos escritores mais premiados da sua geração, o jornalista, editor e designer gráfico Max Figueiredo Portes, de 69 anos, morreu na noite de domingo, em Caratinga, depois de ter lutado durante meses contra um câncer de pulmão.

Artista de múltiplos talentos, Max Portes chegou a viver durante dois anos em Paris, onde cursou artes gráficas. Na volta ao Brasil, passou a morar em Belo Horizonte, onde trabalhou como diagramador do 'Suplemento Literário de Minas Gerais' e da 'Revista Ars Média', editada pelo Palácio das Artes.

Na capital mineira, Max fundou e foi editor do selo Cuatiara, pelo qual lançou dezenas de livros. Há seis anos ele voltou a morar em Caratinga, onde foi secretário municipal de Cultura e trabalhou como assessor técnico de Cultura e Patrimônio da prefeitura.

Bienal Nestlé

Autor de dezenas de livros, de gêneros variados, Max ficou conhecido pelo romance 'Maruim', com o qual venceu a Bienal Nestlé de Literatura em 1986. Naquele mesmo ano, com 'Guiri', recebeu outro prêmio importante: o Guimarães Rosa, concedido pelo governo de Minas Gerais.

Max Portes ganhou também os prêmios Cecília Meireles, da Academia Brasileira de Letras, e Ferreira Gullar de Poesia. O amor a Caratinga, de onde guardava as melhores lembranças, foi declarado no livro 'Memórias da casa de dentro', em que narrava passagens de sua vida em afinada prosa poética.

De acordo com Glória Borges, sua companheira, Max escreveu até pouco antes de morrer. Ele deixou vários livros inéditos, além de oito contratos assinados com editoras para títulos infantojuvenis. Dois de seus últimos lançamentos nesse gênero, 'Que febre de mosquito' (sobre a dengue) e 'Gato, castelo, elefante?', foram adquiridos pelo Programa Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação.

De acordo com o crítico Caio Junqueira Maciel, Max Portes buscou dar o máximo de qualidade à literatura de Minas. "O tempo foi a grande matéria dos seus livros", ressaltou o estudioso da obra do autor de Caratinga.

Carlos Herculano Lopes - EM Cultura

Publicação:08/01/2014 06:00Atualização:08/01/2014 08:35

http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/arte-e-livros/2014/01/08/noticia_arte_e_livros,150243/minas-perde-max-portes.shtml

Max Portes
"O primeiro livro
é quando o romance
deixa de ser
exclusivamente
do autor para
pertencer à
toda a literatura"

Mendes Neto (*A gosto do Acaso* - Edições Cuatiara, BH, 2002), externei o meu pensamento sobre o ato da criação:

Quase sempre um poema não diz exatamente a fala do poeta que o escreveu, porque antes o fora vivido pela emoção. Depois, re/escrevê-lo na brancura de um papel (e sabe-se lá a que hora tardia da noite ou em qual instante sacramentara-o com tinta azul, preta ou a lápis), agindo assim o poeta poderá apenas rememorar o ato anterior de haver criado o que não se repete.

E é neste *passar a limpo*, quando as palavras ficam como que responsáveis pelo mister do ofício de *escrevente* (e quase sempre não correspondendo à altura do *sentir* – se palavras são apenas argumentos da fala ou da escrita, jamais do sentimento), que a elas damos crédito, pois o que o poeta escreveu certamente foi *aquilo que gostaríamos de ter escrito*.

Daí, o poeta ser o pedreiro da arte, o construtor silencioso do milagre da obra moldada em argamassa de nervos, músculos, sentimentos, tudo. Um solitário em seu duro ofício de, na estrutura frágil do sentir, erguer as nuvens em paralelas com seu horizonte imaginado, interior; não buscando a primazia de ser o único a (con)viver no emocionado do outro – pois isto será apenas a consonância do leitor, se confidente, ou não.

Para o poeta, no entanto, o tempo urge ao contrário da sofreguidão, da pressa incontida no viver o enunciado das horas (con)sumidas pelo cotidiano das coisas miúdas e de afazeres metódicos. Para ele, esse mesmo tempo do qual faz parte a sua existência, flui para além dos instantes. Alonga-se, estende-se por um livro ainda nem imaginado, porém contido em elocução consigo próprio.

E, em sendo tão difícil o ato de escrever, é que somente o *enfebrado* de palavras (sem imaginar idéias, temas, nem motivos para compor seus versos) é capaz de dar a si o prazer de ausentar-se do *eu-ele* para ser o *eu-outro*, intrínseco, enquanto as pessoas ao seu redor transitam, cotidianas de coisas a fazer, despercebidas até de que vivem o poema das horas sub-reptícias em átimos de sentimentos doados.

Mesmo assim, um poema não está pronto quando escrito. Exige leitura apurada, paciência, agudeza de percepção entre o trigo e o joio, o lugar comum ou a rima fácil, desnecessária por ser fácil ou comum – se, antes de escrito, com certeza o mesmo tema fora abordado por outro poeta, contemporâneo ou remoto. Soma-se a isto a persistência do consertar, do transcrever, do

remendar, do *fazer-de-novo*. Apurar a forma, cortar arestas, enxugar – como é comum no comentário crítico.

E se o ato de escrever já é, em sua significação especial, prazenteiro a quem possui este dom, maior será havendo estorvo quando no percalço das palavras cada vez mais claras ao enunciado. É quando o que se pressentia obscuro (no que se diz inspiração) ante a surpresa, o poema revelar-se-á consagrado.

Mas há os que perguntam ao poeta a explicação deste ou daquele poema, como se ele o soubesse por que o escrevera. Ledo engano. O poeta é o menos *sabido* de seus versos. O menos *culto* à guisa de explicação e o menos indicado à *re/leitura* do que fizera, pois apenas escrevera o poema! E o fez sim, na transcrição do que fora vivido. É como perguntar ao vento por que ele sopra. Soma-se a isto a obra pronta e o descompromisso do autor com o seu texto. Liberou-o para que ele siga seu próprio caminho entre os leitores. E então, sim, liberto da sua criação, o poeta permite ao coração aprontar-se para amar o que houver de amar ou amar o amor que sabe de amar.

Então é isso, meu caro Robert. Como vê, oportunidades outras virão para prosseguir nossos papos tomando umas e outras. Assim, terá você maior conhecimento sobre minha pessoa (esse tão pouco) e, ainda, sobre o escritor... muito, muito menor que as suas palavras buscam enaltecê-lo!

Em junho, agora, há o “*Maió e Mió Forró*” em Caratinga (20-21-22). O aniversário da cidade é dia 24, dia de São João (o padroeiro). Caso consiga uma oportunidade para faltar ao trabalho podemos dividir a gasolina e voltar àquela terrinha que, com certeza, recebeu você(s) de coração aberto

Desejando a você as melhores coisas do mundo, abraços do seu,

Maxs
(BH - 01.06.08)



MAXS ERA ASSIM

Humberto Luiz

Diretor-Presidente do Sistema Caratinga de Comunicação
e membro da Academia Caratinguense de Letras

Se me pedissem o nome de um dos monstros sagrados da literatura contemporânea, não hesitaria em mencionar o nome Maxs Portes. Moço simples, inteligente e culto, detentor de todos os prêmios literários de concursos de que participou, e foram muitos, sempre ocupando um honroso primeiro lugar. Não era fácil competir com ele.

O meu primeiro contato com a maravilhosa obra literária de Maxs Portes se deu através da leitura do MEMÓRIAS DA CASA DE DENTRO (um tributo a Caratinga), que considero uma de suas obras-primas. Tornei-me um de seus amigos e talvez o maior de seus admiradores. Pessoalmente fui conhecê-lo em sua residência em Belo Horizonte, quando tive o privilégio e a honra de ser presenteado por ele com alguns dos seus mais apreciados livros, ainda hoje muito bem guardados e conservados. Ele que tinha mania de guardar lembranças, certa feita me presenteou também com um ingresso, o de número 1 da sessão inaugural do Cine Itaúna. Uma das últimas lembranças dele recebida foi um porta-chave do antigo Hotel Suíço.

Na última visita que fiz a Marx Portes, ele me emocionou bastante ao confidenciar-me que estava preparando uma segunda edição do MEMÓRIAS DA CASA DE DENTRO, e que iria dedicá-la a mim. Mas a enfermidade não lhe deu chance de realizar aquele seu projeto, vindo a falecer, mas deixando um acervo dos mais preciosos, hoje fazendo parte da galeria dos grandes autores, do Museu da FUNEC.

Maxs Portes, O Grande





O Maxs que eu conheci

É com a profissão que os repórteres aprendem a escrever. Na correria, vão fazendo seus textos aos trancos e barrancos, passam-nos para um copy-desk, que “penteia” o texto até que fique publicável. No outro dia, o repórter o lê na banca. Os mais talentosos, e que seguirão em frente, admitem que as mudanças melhoraram o texto e acabam concordando em que o copy-desk não foi feito para humilhar ninguém. Muitos repórteres que têm faro, mas não sabem escrever, acabam por perceber que podem continuar na profissão graças ao copy-desk.

Com o escritor, o buraco é mais em baixo. Ele aprende as mil e uma formas de expressar uma mesma coisa, isso durante anos de aprendizado, tão específico e especializado que os mais hábeis podem até fazer dois romances de um só, escrito de dois modos, o que muitos críticos não percebem.

Era o caso do Maxs Portes, amigo que perdemos tão cedo. Ele era neurótico, de tão perfeccionista, no que fazia. Sempre calado, não expunha o sofrimento por que passava, na vida ou no verso. Um poema, por pequeno que fosse, era uma tortura até que ele encontrasse o caminho certo.

O Maxs tinha várias vocações. Era ilustrador, desenhista, artista gráfico, editor, diagramador, além de sutil colecionador de coisas. E, lendo sua obra, percebe-se que era também músico.

Copy-desk implacável, mas concessivo, até ajudou na fama de um ou outro escritor de fachada, por amizade ou necessidade de trabalho (nem sei se era pago).

O Maxs Portes era dos poucos com quem se podia discutir sobre qualquer assunto, que ele fazia uma boa ideia, estava sempre centrado. E tinha a vantagem de calar-se para não polemizar com gente burra ou despreparada. Dava uma risadinha crítica e saía da raia. Todos os bons artistas com quem conviveu reconhecem seu talento, suas grandes qualidades, tudo que enfatizarmos aqui e muito mais.

Lá um dia o Maxs sente como que um resfriado e vai a uma consulta. O médico preferiu só dar o resultado à Glória, sua esposa, que guardou segredo até o fim: o que parecia uma pneumonia passageira (ele fumava demais, de modo que, de família longeva, teria vivido muitos anos mais, não fosse o maldito cigarro) era um câncer que já havia tomado ambos os pulmões e irradiado para o cérebro. Para todos os efeitos (os amigos foram avisados sobre a versão), era só uma pneumonia renitente. E a cada piora, atribuía isso à troca constante de medicamentos. O médico dissera que ele tinha três meses de vida. E foi o que aconteceu.

A sorte do enfermo, se podemos dizer assim, é que o tipo de caminho que o câncer percorreu e Maxs, é que lhe tirou, também, um pouco da consciência crítica. Ele que, na vida antiga, quando saudável, não se sentia tão popular, agora se encabulava ao receber cada vez mais visitas (no princípio, a Glória não quis visitas em bloco, para que ele não desconfiasse de algo muito grave, mas aos poucos percebeu que os visitantes entendiam seu papel - e o deles também), foi liberando. Ela ficou, no começo, tão atarantada com a situação que acabou brigando com pessoas a quem, depois, teve que pedir desculpas.

E o nosso Maxs estava lá, na cama, definhando, mas atento ao que dizíamos, rindo de nossas piadas, dando sinal de entendimento. E, enquanto teve voz, justificava o “equivoco” dos médicos, que trocavam os remédios quando ele estava indo tão bem.

Um dia, chegou a me dizer, sorrindo:

- Quando sair dessa, noutra não caio.

E nós, os amigos, sempre por ali. Principalmente a Glória, Angelita, Simão, Simone, Lurdinha, mas

também eu, o Fernando Campos, o Paulo Vieira (quando aparecia por aqui, pois agora vive no Rio), o Humberto Luiz, o Elizeu Mol (de passagem), o João Bosco Pessine e sua esposa Julimara, dona Geni, os integrantes do Centro Espírita Bezerra de Menezes e alguns vários amigos que não lembro de citar agora, o acompanhamos praticamente até o fim.

Dos cinquenta e tantos livros que publicou, bastaria um para mostrar a completude do talento do poeta, este genial “Memórias da Casa de Dentro”. Um livro que fala exclusivamente de Caratinga, de sua infância, de sua sensibilidade em gravar, hierarquizar, resumir e expor, de modo sublime em cada verso, o meio em que viveu sua infância e adolescência.

Sobre o escandaloso hospital regional que fora abandonado sem acabamento ou serventia, sentença:

“eu menino me convenço/ – pra mim é mais monumento/aos mortos que vão nascer”.

São sempre referências à vida, aos locais, às pessoas de Caratinga sem, no entanto, ser um poema local. Em Adágio, por exemplo, ele lembra o violinista Wilson Campos:

“Cabeça reclinada – wilson campos/longe da sala e dentro dele mesmo/segreda ao violino um sentimento/maior que as sete notas musicais”.

Lembra a Casa Jerusalém, de David, a que o povo chamava de “turco”, no poema Bazar do David:

“- Aqui tem preço bombis/coisa maviosa/ter cambraia/seda pura/tergal linha algodão/cianinhas ter franeras/ter tudo que precisar/e david jura bra deus/desconto de ocasion./ - o senhor tem calcinhas de náilon seu david? - ter sim madame qual tamanho su bunda?”.

Não deixou de abordar as moças do colégio das irmãs, os misteriosos encantos da praça Cesário Alvim, as famosas enchentes de nossos velhos

tempos, ameaçando levar de roldão vários personagens da época:

“salve simplicioferreira/salve a Itália do schettino/salve geraldogodinho/salve salve doutor bandeira/ – salve-se mais quem puder”.

O clima de uma cidade comercial, com horário de dormir e acordar: “no acender da tarde pelos postes/a cidade acomoda o dia nas gavetas/os homens se arquivam/as ruas sabem de rumos e/as mulheres pressentem a hora do quarto”.

Nada escapa ao olhar do repórter, acompanhado do talento extraordinário do artista. Nomes que nos são familiares até hoje: Vera Gualberto, professor Marrip, Doutor Maninho, Saul sapateiro, seu Demócrito, Augusto Ferreira Neto, Mário Mota, Cecéu, o futebol, com os nomes de todos os jogadores do Barro Branco, do Caratinga, do América, o piquenique do esperanto (aqui se estudava a língua) na fazenda do senhor Claudionor...

Não por acaso, o livro, sendo provinciano (e dos mais cosmopolitas) recebeu o máximo em reconhecimento literário, Prêmio Cecília Meireles de Melhor Livro Publicado em 1982, da Academia Brasileira de Letras. Além desse prêmio, Maxs recebeu mais 54, como o Prêmio Nacional Ferreira Gullar de Poesia, Fritz Teixeira de Salles, Nestlé de Literatura Brasileira, o Guimarães Rosa, o Prêmio I Bienal do Livro de Belo Horizonte, a lista é enorme.

Mas a luta do escritor é dura. Em matéria de fama, ele estava apenas começando. Para os escritores espetaculosos e enturmados com as pessoas certas, a roda gira muito mais rapidamente. Marx ainda tinha muito que percorrer. Talvez por isso, sabendo que precisava viver muito, se sentia um garoto.

Mas foi-se bem cedo, de cigarro em cigarro, como diz a canção.

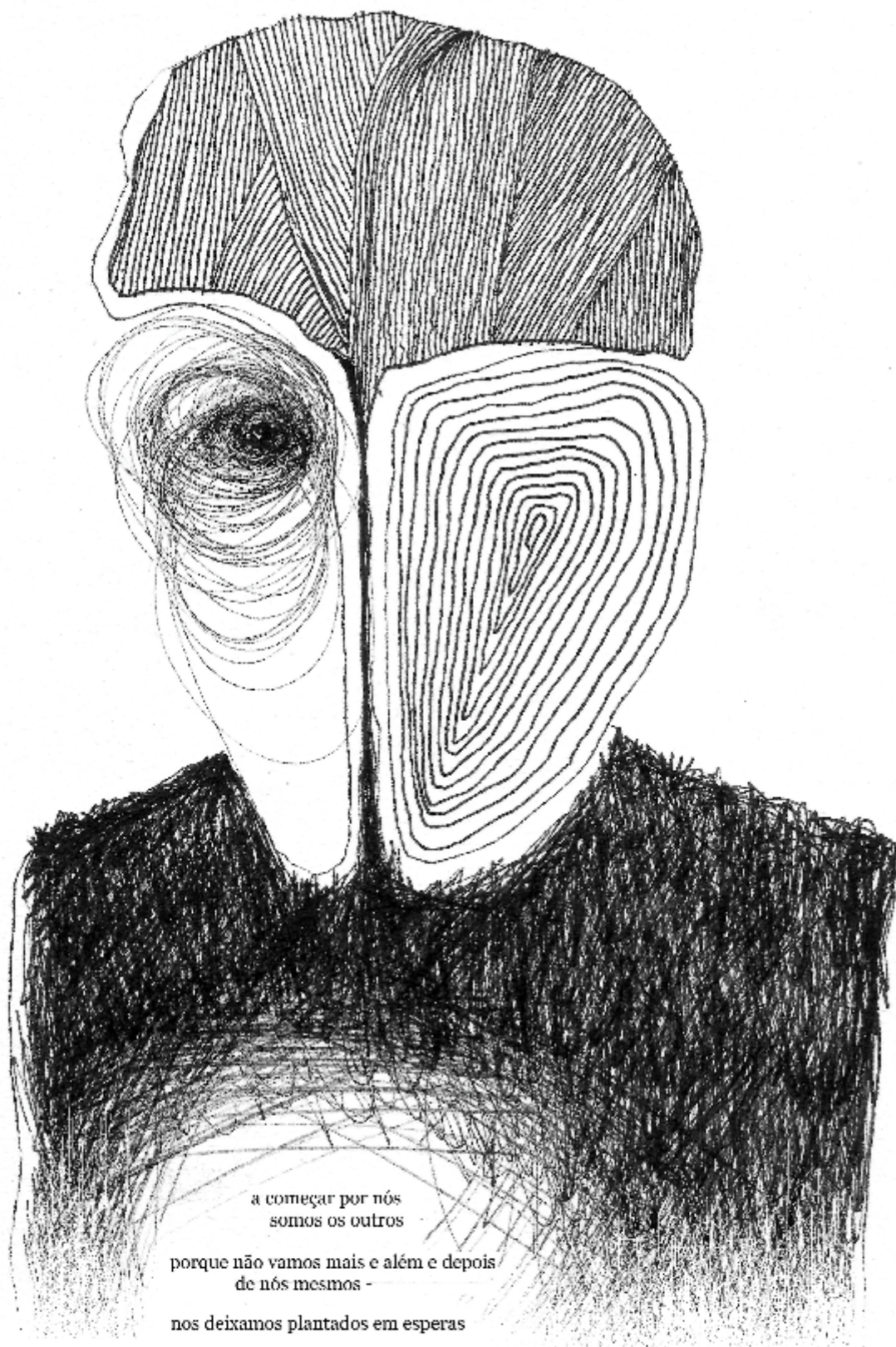




PARA MAXS

Paulo Vieira

Artista plástico



a começar por nós
somos os outros

porque não vamos mais e além e depois
de nós mesmos -

nos deixamos plantados em esperas

pois havemos de voltar cedo ou tarde

quando seguir
é o inteirar-se da volta
nos amanhãs de ontens.

Das Razões Inquietas - Maxs Portes (1987)



O de ao Inolvidável

(Ao Imortal Maxs Portes)

Quando nasceu, chamaram-no Maximiano:
"O Máximo, O de Maior Estatura"
Mas ele escolheu ser Maxs :
"O Mínimo, Diminuto, Diminutivo"
Não se deixou levar pelo ledor engano
De tantos quanto pensam estar nas alturas.
O que ele fez, pouca gente faz:
Esvaziou-se do ilusório destrutivo...

Porém, ao chegar, trouxe consigo Engenho e Arte
De Verso, Prosa e Desenho, que O Guiaram Mundo Afora (
E pelos labirintos das "Memórias da Casa de Dentro")
Tanto em forma quanto conteúdo ele Foi e Grande Permanecerá
Sua Digital está em todos nós, e de nossos filhos fará parte.
Em realidade suada e sonhos que não deixou irem embora,
Suas Palavras e Paisagens deixaram-nos seu aroma de Coentro:
Que Nossa Emoção temperará e condimentará!

Da Figueira é fruto: Figueiredo!
Raiz forte lusitana neste solo transplantada.
E percorreu todos nossos (in)cômodos, cuidadosamente Frugal
Alimentando-nos de Infância e Madureza com Poesia .
Ele sabia espantar susto, tristeza, medo.
E transmutar a mesa do bar profano em Comunhão Sagrada!
Artesão e Ourives, esculpiu-nos O Bem, alertando-nos sobre o Mal.
A Imortalidade brincava com seu desprendimento de cada breve dia...

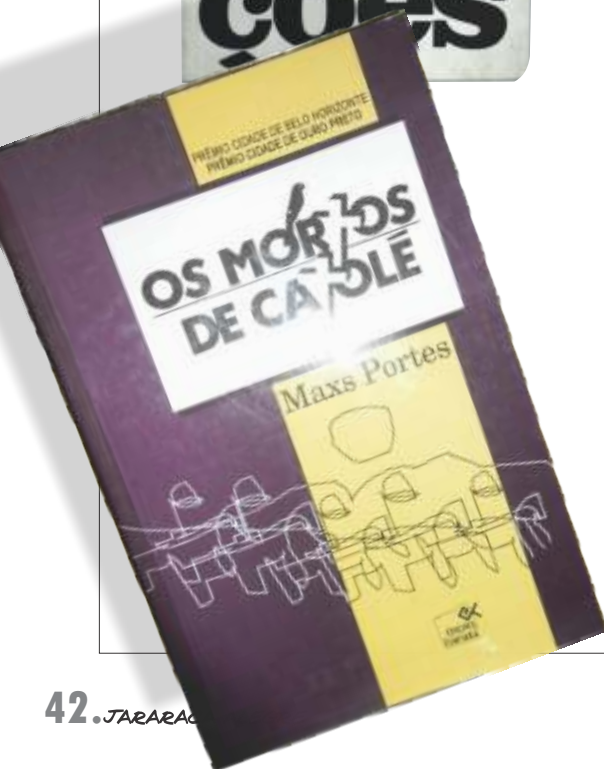
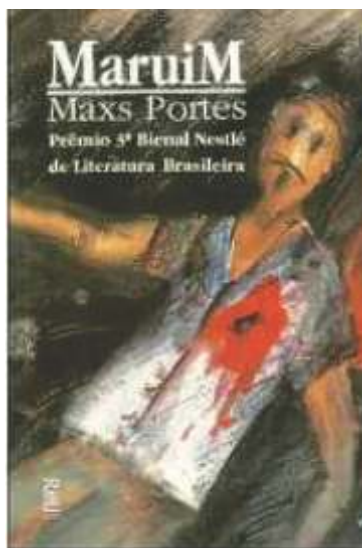
Ao lado da Figueira vê-se a Porta:
Madeira de Lei do Velho Continente.
E Ela foi a nossa passagem para o Singelo,
Onde o Amor flerta com a Dor em cada Hemorragia,
Estancada pela Esperança que nele pescava o profundo
Sentimento que, mesmo face à Humana Condição Torta
Insiste, Resiste, Segue aos trancos e barrancos, Vai em frente...
Por ter trazido ao Nascer a Intenção Revestida do Belo.
E em cada Verso Ela despia-se em Gestos de Pura Magia!!!

...a hora é sempre agora.
...o minuto é o que há.
...aguardando a hora
na espera do que virá.



Maxs Portes

Jornalista, Poeta,
Designer Gráfico,
publicitário e escritor
brasileiro



OBRAS

Poesia

Barco de Papel; Antigo Amanhã; Libertarde; Das Razões Inquietas; Bendições; Caderno de Rascunho e Cavalgar no Ontem.

Infantis

Toca a flauta Constantino; Que febre de mosquito; É... Fogo!;

Coleção Surpresa: Toda hora é sempre agora; Com os pés na cabeça; O morador da casa maluca e Passa, passa...passará;

Coleção Natureza: (10 volumes): O Urubu Jururu; Dona Minhoca e a Pororoca; O Cocorocó do Galo Coró; Girival: o sapo que era o tal; O Mutirão do João-de-Pau e Corrupião; O Godero Lero-Lero; O Fiu-Fiu do Tiziu; Bem-te-vi Bem te vi; O Tatu Tururu; O Cabrito bom de Grito.

Coleção Itororó: (5 volumes) O Burro-Nhô; O mistério no Galinheiro; O vendedor de Cordel; O Morador do Ipê Amarelo e A noite do festival.

Juvenil

Meu antigo fantasma; O Passageiro do Arco Íris; Conversa pra boi dormir; Conto 4 Contos; O Mistério do Envelope; Ufa,Ufo - Tem um disco voador na minha radiola; O dia em que Raimundo-Cego viu a luz do céu e Velhos Amigos.

Adultos

Maruim (romance), À Sombra da Noite (romance); Guiri (romance); Os Mortos de Catolé (romance); Um Rosto na Parede (contos); Uma estrela na bagagem (contos); O Respirar do Silêncio (contos); Cará-Branco (contos)

PRÊMIOS

Prêmio Cecília Meireles, da Academia Brasileira de Letras Melhor livro de poesia Memórias da casa de dentro, 1982, pelo Ministério da Educação.

Prêmio Nacional Ferreira Goullar de Poesia, com o livro Bendições, 1979.

Prêmio Nacional Fritz Teixeira de Salles, com o livro Liberdade, 1981.

Prêmio III Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, com o livro Maruim, 1986.

Prêmio Guimarães Rosa, com o livro Guiri, 1986, pelo governo do Estado de Minas Gerais.

Prêmio I Bienal do Livros de Belo Horizonte Entre outros.



Lute

Chargista do jornal HOJE EM DIA



Duke

Chargista do jornal O TEMPO





Rico

Cartunista e ilustrador de várias publicações nacionais e internacionais

Vida de desenhista...



Quinho

Chargista e ilustrador do jornal Estado de Minas



Os grandes mestres do cartoonismo brasileiro, Ziraldo e Maurício, uniram forças pela primeira vez, lançando em parceria o livro "O reizinho do Castelo Perdido". Quinho lhes rendeu esta homenagem em ilustração para o caderno Gurilândia, do Estado de Minas



DADÁ

O inenarrável

Camilo Lucas

Amigo do Dadá

Segundo depoimento de testemunhas
binoculares e publicado em
«O Baú da Jararaca Alegre» (2005)

Agora, o Dadá já estava morando em BH, numa pensão, junto com o Cabeto e o Juninho Guido, e trabalhando na São Geraldo. Toda sexta, eles saíam pros rocks (ainda não era balada). Nesse dia, foi com o Cabeto tocar bongô na casa do Charley, e tomaram “algumas enzimas e emáceas para poder chegar no clima”, segundo as palavras do próprio. Beberam e cantaram que foi uma beleza e tudo o mais, e chegou a madrugada. Foram pro ponto do ônibus em frente à Telemig, no centro de BH, e ficaram aguardando o dito cujo. Enquanto esperavam, ficaram conversando bobagens, que a grande virtude deles é conversar bobagem, e falavam e riam e morriam de rir.

Nisso, chega um cara meio esquisito e senta no chão do lado deles. Eles falando e rindo, falando e rindo e tal, e o cara não entendia nada; de repente ele vira pro Dadá e diz:

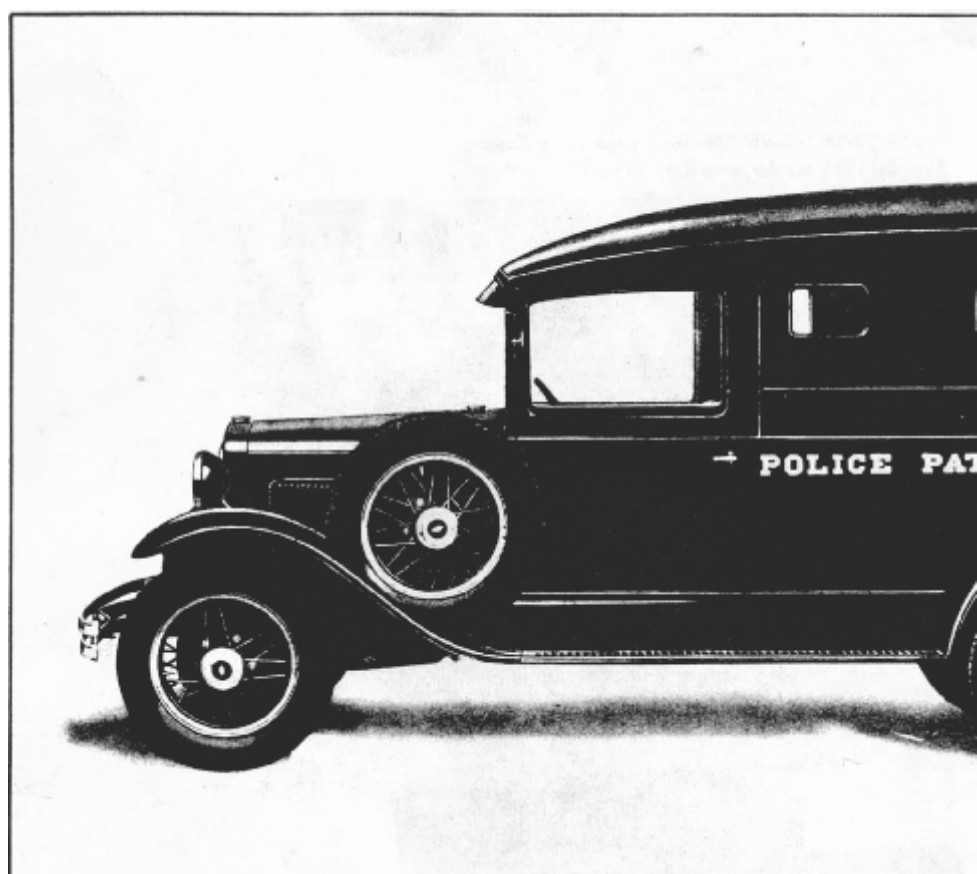
- Pô, cara, cê é um aluguel, conversa pra caramba, eu não entendo nada, cê tá alugando!

E ficou falando até o Dadá ficar puto e “sair” nele:

- Não entende nada porquê você é burro, e agora, tem um detalhe, já viu aquela música da Rita Lee, “deixa os incômodos que se incomodem?” Então, cê não tá gostando, racha fora, cara!

E ele:

- Ah, rapaz, quem é você pra me tirar daqui! - Bom, quando chegou nesse ponto, já tinha um bom tempo que rolava o bate boca, e a paciência do Dadá já tinha chegado no limite, que fora encurtado por causa das enzimas e emáceas. Ele se levantou e falou:



- Pra mim, é dois palitim pra te tirar daqui! Inclusive, eu já não aceito você aqui! Pode racha fora, ô babaca!

- Babaca é a sua mãe! - Respondeu o entrão.

- Não bota minha mãe no meio que eu boto no meio da sua! Vou te ar um porradão agora, daqueles caipira! - E já levantou dando uma bordoadinha no cara que ele voou longe - para pousar exatamente no capô de uma viatura da PM que estava estacionada ali perto, e eles ou não viram ou não tavam nem aí, os depoimentos são confusos.

Só que o cara bateu e voltou pra cima do Dadá, só pra levar outro porradão e cair de novo no mesmo lugar. Os zome já foram saindo e guardando o infeliz, e foram guardar o Dadá também, e nem adiantou ele argumentar:

- Chefia, negócio seguinte, eu tô sentado aqui esperando meu ônibus, conversando com meu amigo aqui, vem esse cara, cê pode ver que ele é todo malandrão, tem roupa de malandro, cara de malandro, cabelo de malandro, não tem nada a ver comigo e vem me tirar! Dei nele um socão, que é exatamente o que o senhor faria!!

“Cê tá certo mas vai preso assim mesmo!” - falou o seu guarda. E já foi colocando o Dadá dentro da Elba. E o Cabeto lá, olhando tudo, pasmo, não falou nada, não entendeu nada, foi tudo muito rápido. Saíram pra delegacia, na Floresta, perto de onde estavam.

Dentro da viatura, o cara, que tinha começado toda a confusão, vira pro policial e pergunta se ele não tinha um cigarro pra lhe arrumar!

- Que cigarro, porra!



sexta-feira, e o detetive de plantão mandou eles esperarem no saguão. O Disinfiliz vira pro detetive e pede:

- Cê num tem um cigarro aí não?

- Que cigarro, cara, vou te dar é um côro!!

E o Dadá lá, só olhando aquele negócio, que ele tinha cigarro. Depois de muita insistência, ele não agüentou mais e deu o cigarro pro cara, achando que ele era louco, não podia ser normal. E ainda por cima teve que dar o fogo!!

- Mas não fala comigo não! Fuma aí e fica quieto!

Aí chega o Cabeto, que tinha ficado pra trás mas foi a pé. "E aí, Dadá, tranqüilo?"

- Tamo aqui aguardando o delegado, eu e esse louco que já pediu cigarro pra todo mundo, eu

ainda tive que dar cigarro pra ele!

O Cabeto morreu de rir, porque o cara era engraçado, ele não era desse planeta. Finalmente foram chamados pelo delegado, que falou:

- Seguinte, vou soltar vocês, mas se eu ficar sabendo que vocês aprontaram alguma coisa aí na rua, eu vou enjaular vocês dois e vou dar um côro nocês dois daqueles pra tirar mesmo a pele do caboclo! Vão embora, desaparece, num enche o saco, some da minha frente!!

Já eram umas 5 da manhã. Saíram andando, Dadá e Cabeto, e a criança saiu atrás deles. Foram se dirigindo para o mesmo ponto de ônibus e o cara, que ia atrás, pede:

- O Dadá, cê num tem mais um cigarrinho aí procê me arrumar não?

- PUTAQUIUPARIU!
- O Dadá estourou. - Olhaí, Cabeto, cê aguenta um negócio desses! Olha que sujeito louco! Esse bicho quase me coloca dentro da cadeia, e eu vou ter que arrumar um cigarro pra um sujeito desses!

Mas deu o cigarro pra ele, e teve que emprestar o fósforo de novo. Ao que o cara pergunta, "rapaziada, cês moram aonde?", o Dadá olhava pro Cabeto, não tinha lógica aquilo, "nós moramos no Nova Floresta", respondeu, e o cara:

- Ah, cês tão brincando! Eu moro lá também! Em que rua?

E não deu outra: o cara morava na mesma rua deles.

- Não é possível! É muita infelicidade! Ô meu amigo, negócio seguinte, cê vai embora, vai cuidar da sua vida, nós vamos cuidar da nossa, tchau procê, cê já me encrençou demais, some da minha frente senão nós vamos acabar brigando, eles vão enjaular a gente, eu vou machucar você todo e jogar dentro de um buraco desses aí procê sumir da face da terra!!!

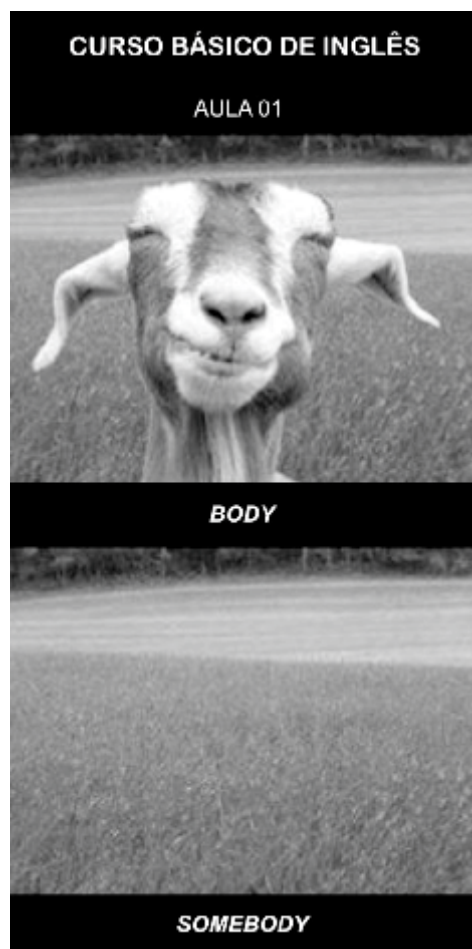
Nisso o Cabeto já não estava aguentando, segurava pra não mijar de rir, o Dadá vermelho igual um pimentão (mas pimentão não é verde? Então ele tava virando o Hulk!) e o cara na maior amizade como se se conhecessem desde pequeninhos, nisso o ônibus chegou, o Dadá sentou numa janelinha, o Cabeto na outra e vem o cara e senta no mesmo banco ao lado do Dadá! Batendo altos papos! tipo, "uma hora dessas, aparece lá em casa pra gente fazer um churrasquinho, ouvir um som" etc etc; o Cabeto passando mal de rir dentro do ônibus, as outras pessoas, que já iam trabalhar, não entendendo nada, e aí entra o depoimento do Dadá:

"Eu já comecei a ficar amigo do cara, o bicho é louco de pedra, coitado, tem que internar num hospício! ele desceu no mesmo ponto que nós, foi com a gente até a porta da nossa casa, se despediu de nós, desejou bom dia, mostrou onde era a casa dele e falou que qualquer hora aparecia. Eu falei, não vem não, peloamordedeus, parece que é mentira, mas isso é verdade, viu, muito doido o cara!"

Este é o Dadá.



Atendendo aos nossos insistentes apelos, o grupo de estudos analíticos e precisóticos de sistemas internéticos difusos intitulado «**Aquele grupinho de sempre**» se dispôs a compilar e organizar as piores piadas em circulação nacional que, de tão ruins, chegam a ser engraçadas, e canalizar para os leitores desta conceituada revista. Encabeçado pelo seu inestimável guru **Kiko Pires**, o grupinho enviou para começo (e, provavelmente, fim) de conversa, o seguinte material que você confere agora, se for louco.



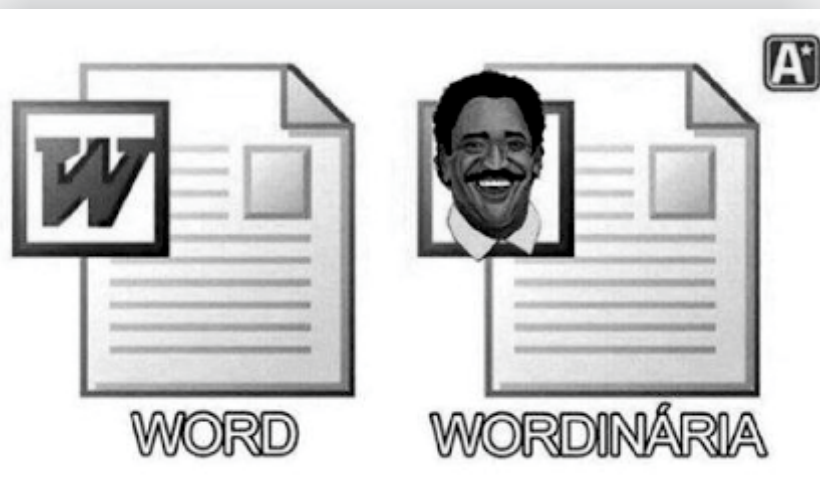
SAPATO



Você sabe porque não foi um obstetra que fez o parto da Fátima Bernardes?



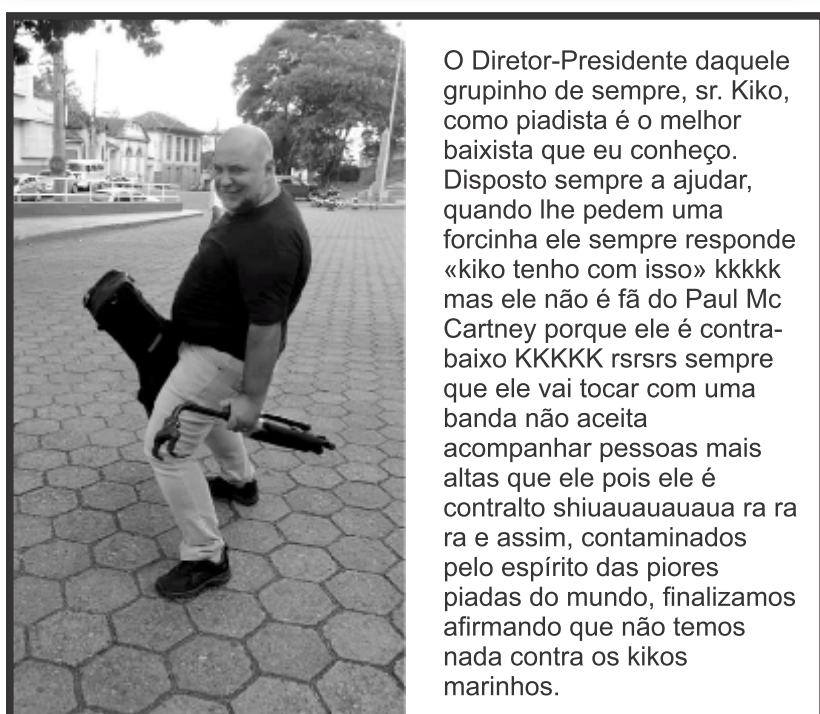
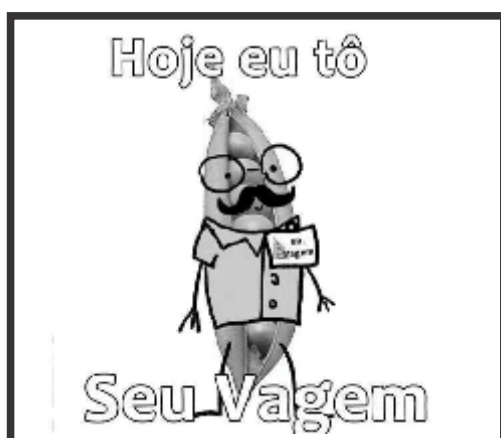
Foi porque ela teve trigêmeos, daí quem o fez foi um Obstri!



Por que o míope não vai ao zoológico?

Porque ele usa lente divergente e não de ver bicho.

descomplica.



O Diretor-Presidente daquele grupinho de sempre, sr. Kiko, como piadista é o melhor baixista que eu conheço. Disposto sempre a ajudar, quando lhe pedem uma forcinha ele sempre responde «kiko tenho com isso» kkkkk mas ele não é fã do Paul McCartney porque ele é contra-baixo KKKKK rrsrsrs sempre que ele vai tocar com uma banda não aceita acompanhar pessoas mais altas que ele pois ele é contralto shiuauauauaua ra ra e assim, contaminados pelo espírito das piores piadas do mundo, finalizamos afirmando que não temos nada contra os kikos marinhos.



Novo Exame de Matemática na rede escolar da cidade do Rio de Janeiro. Este exame mostra como os docentes devem se adaptar para cativar a atenção dos alunos.

EXAME FINAL DE MATEMÁTICA

ESCOLA DE SEGUNDO GRAU "COVA DA MOURA" - RJ

Nome: _____

Facção: _____ Turno _____

1.) Bró tem um fuzil AK-47 com carregador de 80 balas. Em cada rajada o Bró gasta 13 balas. Quantas rajadas poderá disparar até descarregar a arma?

2.) Sangue Bom comprou 10 gramas de cocaína pura que misturou com bicarbonato de sódio na proporção de 4 partes de pó para 6 de bicarbonato. A seguir vendeu 6 gramas desta mistura ao Cascudo por R\$ 150,00 e 16 gramas ao Chinfra a R\$40,00 cada grama: ENTÃO:

- a) Quem é que comprou mais barato? Cascudo ou Chinfra?
- b) Quantos gramas de mistura Sangue Bom preparou?
- c) Quanto de cocaína contém essa mistura?
- d) Qual é a taxa de diluição da mistura?

3.) Rojão é cafetão na Praça Mauá e tem 3 prostitutas que trabalham para ele. Cada uma delas cobra R\$ 35,00 ao cliente, dos quais R\$ 20,00 são entregues ao Rojão. Quantos clientes terá que atender cada prostituta para poder comprar ao Rojão a sua dose diária de crack no valor de R\$ 150,00?

4.) Jamanta comprou 200 gramas de heroína que pretende revender com um lucro de 20% graças ao "batismo" da droga com giz. Qual é a quantidade de giz que ele terá que adicionar?

5.) Chaveta recebe R\$ 500,00 por cada BMW roubado, R\$ 125,00 por carro japonês e R\$ 250,00 por cada 4X4. Como já puxou 2 BMW e 3 4X4, quantos carros japoneses terá que roubar para receber o total de R\$ 2.000,00?

6.) Mermão está na prisão há 6 anos por assassinato pelo qual recebeu o equivalente a R\$ 5.000,00. A mulher dele está gastando esse dinheiro à taxa de R\$ 50,00/mês. Quanto dinheiro vai restar para Mermão quando sair da prisão daqui a 4 anos?

7.) Uma lata de spray dá para picar uma superfície com 3 m². Uma letra grande ocupa uma área de 0,4 m². Quantas letras grandes poderão ser pintadas com 3 latas de spray?

8.) Parcêro recrutou 3 prostitutas para a gang. Se o número total de prostitutas que trabalham para a gang é igual a 27, qual é o percentual de prostitutas recrutadas por Parcêro?

9.) Durante uma rixa entre gangs, Mayfrende disparou 145 balas com uma pistola 45 automática (de uso exclusivo das Forças Armadas) acertando 8 pessoas. Qual é o percentual da eficácia dos tiros do Mayfrende?

10.) Sapão é preso por traficar crack e a sua fiança foi estabelecida em R\$ 12.500,00. Se ele pagar a fiança e os honorários do seu advogado (que reclama 12% da fiança como pagamento dos seus serviços) antes de fugir para a Bolívia, qual será o total da despesa?



PAI AFASTA DE MIM ESTE FALA-SE

Historicamente falando, há não muitos anos, brilhante intelectual – e músico – cantava “Pai, afasta de mim este cálice”[1], insurgindo-se contra a censura, a favor da liberdade de expressão. Porém, se então de tão gorda a porca não andava, hoje, de tão magra, ela voa!

Se de nada se podia falar antes, hoje de tudo se fala, mesmo que não haja o que dizer. A tão reclamada liberdade de expressão perverte-se em libertinagem, pornografia tagarela. Todos se sentem autorizados a dizer de tudo publicamente, como se quaisquer opiniões a respeito de qualquer coisa fossem dignas de se transformar em discursos. Questões privadas convertem-se em assuntos públicos, representando desperdício da luz e da oportunidade de expressão outrora tão escassas, que, por isso mesmo, deveriam ser reservadas ao que de fato interessa, mas que, contudo, permanece dissimulado.

Ou será que, no Brasil, os piores crimes são aqueles supostamente cometidos pelo casal Nardoni ou pelo goleiro Bruno? Seria o caso de uma reflexão geral sobre o que realmente importa: a Justiça ou a vingança invejosa, que se regozija na queda de alguém que tinha o que não merecia, enfim desmascarado, pego na onda de denunciismo que se presta a camuflar o que realmente importa. Caça às bruxas que se presta a manter tudo como sempre foi, ou será que a presença de sarneys, calheiros ou tiriricas não são assuntos muito mais preocupantes para o público brasileiro? Mas disso e deles ninguém quer dizer. Afinal, é assunto grave, que requer

seriedade e aprofundamento de análise que remonta ao Brasil que foi – e permanece – colônia, antes de Portugal, hoje de outros...

Melhor ficar na superfície. Assim, respira-se melhor. Ao invés de fomentar o debate sobre a ausência de investimentos na educação básica e na saúde pública, melhor é instigar o clamor por vingança, o protesto popular e acrítico pela redução da maioria penal, dentre outras medidas simplórias e cosméticas que são anunciadas e vendidas na mídia como eficazes para a solução de questões complexas como violência e criminalidade.

Em tempo de culto a uma transparência mentirosa, ao estilo Big Brother, melhor é espalhar câmeras que captam tudo, menos o essencial. Imagem é tudo, sede não é nada, já dizia a propaganda de refrigerante.

As palavras esvaziam-se diante da imagem, que, segundo entendimento corrente, dispensa reflexão ao valer mais que mil daquelas (palavras).

Nesse cenário, os espaços que deveriam destinar-se preferencialmente aos debates de interesse público[2] são cada vez mais destinados a tagarelices, fofocas, cabendo questionar se a bebida amarga não terminou substituída por doce e entorpecente veneno derramado no mesmo cálice de outrora. No final das contas, se a tagarelice não é mais que silêncio loquaz, vê-se que ser filho da outra não é melhor que ser filho da santa.



DISCUTINDO

A expressão "fé em Deus" como arma.
O maior golpe do homem na terra.

A base das religiões é a fé, na medida em que grande parte das afirmações não pode ser provada. Até aí tudo bem.

O curioso é saber em que a religião exige fé. Poder-se-ia dizer "Em Deus, ora" (ou outra entidade sobrenatural), quando na verdade o que a religião exige é **FÉ EM HOMENS**.

Explico. Pensemos o diálogo entre um evangelizador e uma pessoa qualquer.

-Deus existe e me enviou aqui para te dizer algo.

-O quê?

-Em resumo que você tem que ter fé em Deus e vai pro inferno se não fizer tudo o que Ele disser.

-Mas outras pessoas vieram aqui se dizendo homens bons e me falaram outra coisa.

-Mas Deus disse que "maldito é o homem que confia em homens". Você tem que acreditar em Deus.

-E como vou saber o que ele disse?

-Eu te conto.

-Você? Mas eu tenho que ter fé em **HOMENS** ou em Deus?

-Em Deus, mas eu sei o que Ele disse.

-Deus te disse diretamente essas coisas?

-Não. Foi meu líder, um bom **HOMEM** que prega a palavra dos apóstolos.

-E quem são os apóstolos?



RELIGIÃO



-HOMENS que viveram há uns 2000 anos.

-E como a mensagem deles chegou até nós?

-Foi pregada, escrita, compilada, e traduzidas por HOMENS de fé.

-Então, de novo, você quer que eu tenha fé nesses homens e não em Deus, certo? Se eu devo ter fé em Deus e "maldito o homem que confia no homem" eu devo buscar a informação diretamente em Deus e não em homens, certo?

-É... mas... os apóstolos foram homens bons... quer dizer... Você está misturando as coisas... acho...

-Deixa pra lá. Esse Deus não me dá acesso direto a Ele?

-Ahá. Dá sim. Basta orar.

-Então porque eu preciso de você, de seu líder, de um apóstolo ou qualquer outro homem? Ademais, se eu confiar em você ou neles, que são homens, eu serei maldito, não?

-Droga. Vou perguntar pro meu líder...

Quem tem ouvidos para ouvir, ouça...

A religião depende de fé. E, com efeito, deturpa-se seu foco, que deixa de ser a "fé em um ser sobrenatural a que se tem acesso direto" para "fé em um ser sobrenatural que deu acesso formal direto, mas que precisa ser explicado por meio de homens".

Em resumo, as religiões exigem fé em seus homens.

Um truque tão bem elaborado que funciona perfeitamente há pelo menos 6000 anos.

Duvidar de homens que falam de Deus vira sinônimo de duvidar de Deus. Assim é fácil...



Todo mundo tem um caso esquisito pra contar. Menos eu. Porque "esquisito" não é necessariamente a palavra que faz jus àquela manhã de domingo, onde tudo começou.

Do nada, absolutamente do nada, ou "Out of the blue!", como dizem os americanos, eu acordei numa gaiola. Sim. Gaiola. E não era das grandes não. Seis da manhã, do meu sagrado domingo e eu acordo na gaiola do Loureco, meu papagaio. claro, dei uma risadinha - na verdade eu ri demais - e falei: "Tá bom, vai. Agora vamos acordar.", abri os olhos e, pra minha surpresa, eu ainda estava lá. Eu tinha virado o Loureco! Aí eu gritei.

Qual foi minha surpresa então, a notar, segundos depois, que alguém havia acordado e vinha na minha direção. Era eu! Quer dizer, tinha o meu corpo. Ele - eu - estava usando meu pijama e tinha uma caneca de café quente na mão. Ficou me encarando divertido por vários minutos, sorvendo o café de vez em quando. Parecia se divertir com o que via. E eu, claro, fiquei mudo, imóvel. Acho que eu estava com a cara assustada, mas ele não deve ter reparado. Papagaios parecem estar rindo o tempo todo. E ele olhando, divertido. Por fim, ele falou:

- Bom dia, Loureco. Ou devo dizer... Ronaldo?

Ele sabia! Ele sabia que era eu. Mas quem era ele? Aliás, que merda era essa?

- Muito bom esse tal de café. Agora eu entendo o porquê de você não largar essa caneca.

Era ele! a gente tinha trocado de corpo! Tentei responder, gritar com ele,

LÔRO



questionar, intervir, protestar, mas só consegui gritar "Loureco delícia" e assobiar o hino do Atlético. Ele continuava me encarando, com um sorriso brotando no canto da boca. Eu precisava falar. O Loureco parecia saber o porque disso estar acontecendo. Juntando todas as minhas forças, minha frase foi:

- Cala a boca já morreu, quem manda em mim sou eu.

Ele gargalhou, claro. Bebeu mais café e disse:

- É frustrante, não é verdade? Por muitos anos eu tentei, Ronaldo. Tentei dizer o que eu pensava, o que eu achava. Eu quis comentar os filmes com você. O meu sonho, Ronaldo, era escolher seus números da Mega-Sena. Mas eu não consegui. Meu vocabulário ficou limitado a esses guinchos, escatologias e xingamentos que você me ensinou. E claro, meu intelecto passou despercebido. Me presenteava toda tarde com os

malditos Jorge e Mateus. E quando tinha visita? Que inferno ter que repetir cada groselha que saía da boca dos seus amigos. O pior é que eles ainda falam errado. Mas era meu destino, certo? afinal, eu era um mero papagaio. Parece que no fim você falhou em nos colocar como iguais. Você era sempre o evoluído, o dono, e eu, a mascote. Irônico... Não foi Campbell que disse que "O homem transcende a partir do momento que não vê mais os pares de opostos"? Enfim... Tenha uma boa vida, Ronaldo. Ah! E Ronaldo... Eu não sou atleticano, cara. Torço pro América.

E se afastou. Eu juro que pude ouvir ao longe, o maldito cantarolando alguma coisa do Almir Sater.

Mas isso não ia ficar assim! Eu era o dono, eu era o Ronaldo! O café era meu, as pantufas, o pijama... A esposa! Janete! eu precisava gritar Janete! Ela ia me ajudar.

-Janete! Janete! Cara de chiclete!



Curvas e tapetes

E essa Vida que adora me pregar peças? Travessa, essa moça. Pois sabe que não tenho alternativa, se não vivê-la em cada um de seus momentos. Mesmo sabendo que essa travessa está lá, a espreita. Outro dia, me deu um amor. Não mais que de repente. Acredita? Disse: está desconfiando de quê? Não se preocupe, dou- te este presente por que eu gosto de você sim. Pode levar! É sério!

Como quase ficou ofendida com a minha primeira recusa, aceitei, de bom grado. E para mostrar como estava agradecida pelo presente, vivi.

Vivi cada novo sabor que o amor me trouxe : cada inveja, cada orgulho, cada ciúme, cada confiança. Cada prazer, cada felicidade, cada carinho, cada cuidado, cada opinião, cada diferença. Cada olhar de devoção, cada olhar de paixão, cada olhar de amor correspondido, cada toque. Vivi o todo, em cada canto, em todos os seus lados. Não mais que de repente, essa travessa moça me chamou para uma conversa séria. Confesso, fiquei um pouco ansiosa. A vida é severa quando percebe que não se está indo por onde se deve, ou como Lhe convém. Mostrou-se preocupada com o meu bem estar. Porque gostava de mim sim. E, para meu próprio bem, levou o amor com Ela. Você precisa descobrir o que é a fé, disse. E apesar dos meus apelos, apesar de perguntar a Ela incessantemente o que eu faria da minha vida sem o amor, Ela não se abalou. Levou-o. Repetiu que seria para o meu bem, que eu precisava aprender o que é o amor - próprio. Quando reergui-me, Ela me abraçou, orgulhosa. E achou que eu precisava de um pouco de descanso. Para lhe agradecer novamente, infinitamente vivi. Respirei sem sentir dor, fui ter com



os meus. Confiei na fé que Ela me dera ao final de uma de suas lições.

Quis me deixar levar, mas Ela ressentiu-se.

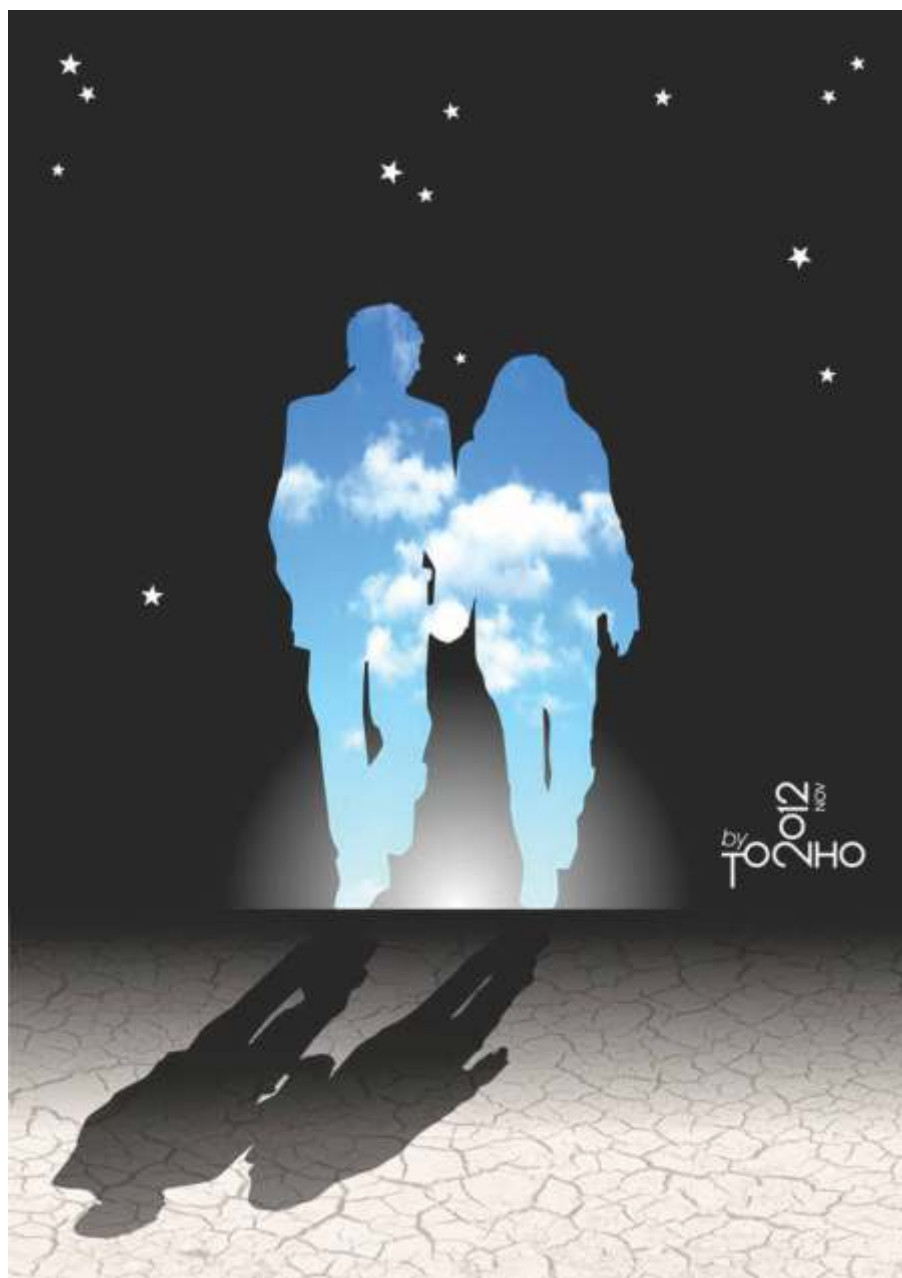
Você ainda não sabe de tudo, disse. Colocou-me no meio de inesperabilidades apenas para que eu me surpreendesse com meus próprios sentimentos. Regojizou-se ao me ver a beira do desespero com raiva por Ela me trazer aos olhos o que eu guardava a sete chaves. Veio com conversas para me dizer o quanto eu ainda estava me protegendo Dela. Veio com conversas para me convencer a guardar o meu orgulho. De que você tem medo, não cansa de me perguntar, de quê você tem medo? Gritei: não é da sua conta, Vida, não é!! Quando isso irá terminar? Perguntei sem sentir. Ofendida, ela ainda não me respondeu. Anda desaparecida, essa moça. E eu um pouco decepcionada com Ela. Acredito que anda dando umas voltas por aí, para eu olhar para o lado, para o outro, para ver que existem problemas maiores que os meus, só para me provocar. Deve ter-se aborrecido quando percebi que em cada circunstância há um pensamento diferente do que se espera. Uma impressão, uma previsão errada. Uma aventura errante. Mas como a Vida mesmo me sussurra sempre aos ouvidos, não há nada que não se resolva com calma, fé e pés gelados.



Tonho Oliveira

Cartunista, ilustrador e publicitário

TONHO, UM CARTUNIS



Antonio Roberto Carvalho de Oliveira (**Tonho**) mora em Porto Alegre e desenha cartuns desde 1975 - mesmo tempo de atividade da Jararaca Alegre, portanto. Participou e foi selecionado no Salão de Berlin de 75 e no 3º Salão de Humor de Piracicaba (76). Selecionado no Salão sobre a "crise" no Natal do BrasilCartoon. Menção Honrosa no 2º EcoCartoon 2008. Em 2010, selecionado em The First Water Internacional Cartoon Contest (Irã); 3º colocado no 3º Salão Medplan de Humor; prêmio INTERNET 2011, em parceria com Wenes Caetano. 2º colocado no Salão de Humor no Computador 2011, com a caricatura sobre casais famosos, LennOno (abaixo). Selecionado no 38º Salão Internacional de Humor de Piracicaba 2011. Selecionado no XXº SIDI - Salão Internacional de Desenho de Imprensa 2012 Premiado (1º lugar) no 30º Salão Internacional do Piauí 2014. Premiado no 1º Salão da Caricatura Rio de Janeiro 2014 (3º lugar). Tonho é o mais novo colaborador da Jararaca!

STA DE LUA!





Luisa Reiff Guimarães

Jornalista, fotografa, correspondente internacional e nora do chefe



WALLS AND BRIDGES

Conheça o

**John Lennon Wall de
Praga, República Tcheca**



A nublada capital da República Tcheca (vamos conter as piadas porque por aqui todos já passamos da quarta série) é um deleite estético para os olhos dos turistas sedentos de experiências novas. A cidade é pequena, são aproximadamente um milhão e duzentos mil habitantes. É mais fácil andar por lá nas três linhas de metrô que interligam a cidade do que fazer o trajeto Savassi - Pampulha.

A arquitetura é incrível, casas coloridas juntinhas umas das outras, em grandes avenidas cercadas por sinuosas ruazinhas laterais cheias de cafés, restaurantes, lojas e pessoas tirando fotos. Tudo relativamente bem preservado durante as duas guerras que assolaram o local. Lembra uma Ouro Preto que você nunca vai enjoar de visitar.

Aproveitando os ares europeus, que tal uma ida ao Kafka



Museum, a algumas estações de metrô, sob a Ponte Karlov? O museu fica na casa em que o escritor nasceu e cresceu e vale a visita! Se você está com esta revista em mãos, já da pra saber que se interessa por gente que escreve bem!

E quem disse que só Berlim trabalha com essa história de muro-de-interesse-socio-político-literário-histórico-mundial? Em Praga há um passeio de fácil acesso que não pode deixar de ser feito. Uma das experiências mais bacanas que um mínimo conhecedor da boa música pode ter por lá é visitar o The Lennon Wall, ou John Lennon Wall. O muro começou a ser pichado e grafitado por estudantes na década de 1980, quando o país vivia sob o governo de Gustáv Husák. Ele mandava na então Tchecoslováquia pós- Primavera de Praga, com apoio das mal-humoradas Alemanha Oriental e União Soviética.

LENNONISMO

Os estudantes escreviam trechos de canções dos Beatles e da carreira solo de John, com mensagens de amor, paz e compreensão e também letras de alto teor político, uma vez que o ex-beatle sempre foi engajado em questões da política mundial. Pouco antes da queda do Muro de Berlim, quando os ânimos dos burocratas comunistas estavam pra lá de exaltados, o muro foi motivo de um conflito entre centenas de jovens estudantes e a polícia. O movimento ficou conhecido como “Lennonismo”, uma referência óbvia ao Leninismo.

Husák tentou diminuir a causa humanitária dos jovens, referindo-se a eles como “alcoólatras, mentalmente problemáticos, sociopatas e agentes do capitalismo ocidental”.

O político não poderia estar mais enganado, uma vez que John sempre militou pela igualdade entre os seres humanos (não seria esse o ideal básico dos comunistas?) e inclusive chegou a ser severamente malquisto no epicentro do capitalismo ocidental: Richard Nixon fez de tudo para deportá-lo dos EUA, onde o músico era vigiado pela CIA e considerado inimigo público por usar sua influência para contestar a Guerra do Vietnã.

Quando morou nos EUA, Lennon se aliou a líderes de esquerda, passou a apoiar o Movimento dos Panteras Negras, foi perseguido pelo FBI e sofreu tentativas de expulsão do país por dois anos, só conseguindo voltar a viver lá depois de muita resistência e uma grande campanha na mídia. O final da história, infelizmente, todo mundo conhece.

Ah, vale lembrar que todas as tentativas de autoridades de pintar o muro foram em vão. No dia seguinte, o local sempre amanhecia cheio de flores, desenhos e poemas homenageando Lennon. The war is over, but the wall remains the same.



Para saber mais:
“The U.S. vs. John Lennon”, (2010) documentário de David Leaf e John Scheinfeld



Camilo

Cartunista e escritor

PLANO-SEQUENCIA

1978.

Aniversário de 2 anos da Larissa, sobrinha do Marcão. Casa de gente rica, bem decorada, pessoas da sociedade circulando, crianças brincando, mamães conversando, papais dialogando e tomando uísque, música de festa infantil pré-Turma do Balão Mágico. Marcão e amigos tomando uísque e cerveja. Presentes: Nico, Bob e Dentão.

Bob se aproxima do Nico.

BOB
Nico, vamos no banheiro procê uma coisa.

Vão ao banheiro, cada um com um copo com uísque na mão, entram, Bob fecha a porta, abre a portinha debaixo da pia e mostra várias caixas de remédios. Pega uma e mostra pro Nico:

BOB
Inibex.

NICO
Porra!!

Abre a caixa, tira três comprimidos e dá pro Nico, que toma com o uísque; Bob faz a mesma coisa. Voltam pra festa. Dão de cara com o Dentão.

DENTÃO
Onde vocês estavam?

NICO
O Bob achou Inibex no banheiro.

DENTÃO
E vocês tomaram? É o remédio que a Márcia toma pra emagrecer, cara, ela vai dar falta e vai desconfiar do Marcão!!

BOB
Ela sempre desconfia do Marcão mesmo!!

DENTÃO
Vou lá.

E sai pra ir pro banheiro. Bob e Nico completam o uísque.

BOB
Vamo pro América?

NICO
Vamo, vamo colocá esses uísques num copo descartável.

No caminho até a mesa onde estão os copos, se encontram com a Márcia, irmã do Marcão e mãe da aniversariante.

MÁRCIA
E aí, meninos, estão gostando da festa?

BOB E NICO JUNTOS
Claaaaaaaaaaro!!

MÁRCIA
Então divirtam-se!!

Bob e Nico pegam dois copos descartáveis grandes, enchem de uísque Ballantine's e gelo, e saem da festa à francesa. A casa fica na parte alta da cidade, mas próxima ao centro. Eles vão caminhando e tomando uísque.

BOB
Quem vai dançar hoje no América?

NICO
O Tião e a Eneide, o Lalau e a Rosângela, o Camaleão e a Vera...

BOB
Ô Nico, você é muito corajoso de entrar nesse concurso, cara. Ainda mais é.. é... dançando com a Aninha Aneca!!

NICO
Quê que tem? É legal, cara!

BOB
Legal o caralho, é ridículo!! Concurso de discoteca!! Um monte de plágios do John Travolta ridículos! Por que você não fez um terno branco igual o dele???

NICO
Ah, vai te fuder cara!

BOB
E ainda por cima foi desclassificado... ah ah ah!!!

O Nico, mesmo quando manda alguém se fuder, é o cara mais zen do mundo. Fica olhando pro Bob com cara de raiva zen enquanto eles se aproximam de uma farmácia.

BOB
Vamo tomá um "boi" pra rebater com as bolas? Vamo chegar turbinado no América!!

NICO
Vamo lá.

Viram o resto do uísque e jogam o copo fora. Entram na farmácia e pedem um xarope Pambenyl. O balconista olha para eles como quem diz "Aí vão mais dois junkies". Mas o xarope é de venda liberada, então ele pega um na prateleira, embrulha e passa pra eles, que pagam e saem da farmácia. Logo à frente está a escadaria que sai na rua de cima, onde fica o América Futebol Clube, em cujo salão de festas está acontecendo o concurso de dança de discoteca, uma febre que pipocou por todo o país depois do filme "Embalos de sábado à noite". A escadaria é imensa, e no caminho eles vão dividindo o vidro de xarope. Bob começa a cantar.

BOB
"Guarapan guarapan benyl... esta é a loucura mais gostosa do Brasil"

Nico se junta a ele e vão subindo cantando e tomando o xarope:

BOB E NICO
"Xupe Xupe tomou um Pan, e só acordou no outro dia de manhã... Nesse dia, pra variar, tava Xupe Xupe me chamando pra "boizar..."

Nisso, chegam à entrada do clube, bufando pelo esforço, e ainda tem mais um morro entre a portaria e o salão de festas. E a "onda" vai batendo. Chegam à porta do clube mudos, respirando ofegantemente, compram o ingresso e entram. O clube está lotado, cheio de gente produzida no estilo da discoteca, rola o som de Sylvester (You make me feel), Rick James (You and I), Chic (Lê freak), Foxy (Get off), Rod Stewart (Da ya think I'm sexy). Eles vão entrando e se separam naturalmente. Bob vai até o bar, pega uma cerveja (garrafa pequena, servida em copo descartável) e sai andando. Cumprimenta um e outro, para pra olhar o casal que está na pista competindo pelo concurso. O casal está no meio da pista, e o público forma uma imensa roda para assistir. Tomo mundo dançando parado, a maioria com um copo na mão, assistindo Tião e Eneide dando aqueles passinhos ensaiados do filme. O organizador do concurso é Direeu Pereira, apresentador de um programa de vídeos (que ainda não tinham esse nome) chamado Discotape, que passava na TV Itacolomi todo sábado à tarde e lançou o concurso



de discoteca a nível estadual. Ele está parado, com o microfone numa mão e uns papéis na outra, observando o casal dançando. Bob para de olhar e sai andando com o copo na mão, pela área externa do clube, dá de cara com a Nina encostada na grade de ferro, sozinha. Nina é uma das meninas mais bonitas do colégio. Bob está numa “lombra” pesada, os olhos vermelhos e com os pensamentos meio entorpecidos pelo coquetel de bolinhas, uísque e xarope.

BOB
Oi Nina, tudo bem?

NINA
Tudo, e você?

BOB
Beleza... você não quis participar do concurso?

NINA
Não tenho coragem de me exibir assim não.

BOB
Ta vendo? Não é a toa que eu te acho a menina mais legal do colégio...

NINA
Obrigada...

BOB
Sério mesmo... Você não é... é... narcisista igual essas outras meninas.

NINA
Você acha?

BOB
Acho... nem entendo por que você não tem namorado.

NINA
Tudo bem... tô bem assim.

BOB
Mas é mesmo!! Você é linda, legal, inteligente... quem não ia querer namorar com você?

NINA
Ué... sei lá...

BOB
Também as pessoas são muito tímidas, né... Eu to doido pra pedir uma menina pra namorar mas tô sem coragem também...

NINA
E você acha que ela também é a fim de você?

BOB
Sei não... eu vejo ela todo dia e é... é... fico a fim de chegar mas não tenho é... coragem....

NINA
Por que você não tenta? Ela está aqui?

BOB
Está...

NINA
Então fala com ela! Enche o peito, olha bem nos olhos dela e fala!

BOB
Quem saber? Vou falar mesmo!

NINA
Fala agora!

BOB
Ta bom!!!!

Vira o resto do copo de cerveja de uma vez, olha bem pra Nina e diz:

BOB
Vou lá falar com ela e se der certo eu te falo!!

E sai andando. Nina fica olhando ele saindo como quem perdeu alguma parte do filme. Nisso chega a Kelly e olha pra cara dela e pergunta:

KELLY
O que é que houve?

NINA
E eu sei lá???

Mas o Bob foi andando em direção à Andreiza. Andreiza era toda extrovertida, e incentivava o Bob a perder sua timidez quase mórbida sem precisar usar drogas (mesmo assim, ele usava). Bob nutria um carinho muito grande por ela e queria namorar. Quando se aproxima de onde ela estava, vê que ela estava beijando um cara no meio da multidão. Para, olha por um minuto e muda de direção, seguindo para o bar. Pega outra cerveja e dá de cara com o Neném.

NENÉM
Ô Bob, o que é que você fez com o Nico??

BOB
Hein?

A esta altura, o entorpecimento do Bob chegou ao nível dos monossílabos.

NENÉM
Ele acabou de ser expulso do clube e suspenso, não vai poder freqüentar o clube durante um mês!!

BOB
Como?

NENÉM
Ele chegou no meio da pista quando o Lalau e a Rosângela estavam dançando, com um copo cheio de cerveja na mão, e deu uma bicuda no copo! Encharcou os dois, respingou no Dirceu Pereira, deu a maior confusão e os seguranças puseram ele pra fora!

BOB
O quê?

NENÉM *(se aproximando do Bob, quase partindo pra agressão física):*
É você que está dando drogas pra ele!! Ele não ia fazer isso sozinho! Que é que você deu pra ele?

BOB
Eu??

Nisso, Neném fez que ia dar um murro no Bob, que ficou só olhando estático; a turma do deixa disso levou o Neném pra longe, e ele se foi gritando:

NENÉM
Fica longe do Nico!!

Bob vê Neném se afastando, vê as pessoas se afastando, entra no meio da multidão que estava na pista, a esta altura o concurso já tinha acabado e o DJ do Som Temporal, Rodrigo, estava tocando Hurricane, do Bob Dylan, e em seguida Show me the Way, do Peter Frampton.

CORTA



WiliamP

Caricaturista, artista
plástico e roqueiro

Nosso colaborador **Wiliam Pereira** ficava sempre do nosso lado quando a *Jararaca Alegre* participava do saudoso **Cultura na Calçada**, no Santa Efigênia, organizado pelo grande agitador cultural de BH, **Jeová Guimarães**. A partir daí, virou colega de redação na Jararaca.

Seus desenhos caricaturais de bandas de rock são originais e muito criativos, e quem quiser adquirir um print é só encontra-lo na pracinha da Savassi no sábado de manhã e escolher o seu.

Wiliam publicou também na **Roadie Crew**, uma das mais importantes publicações de rock do Brasil e do mundo.

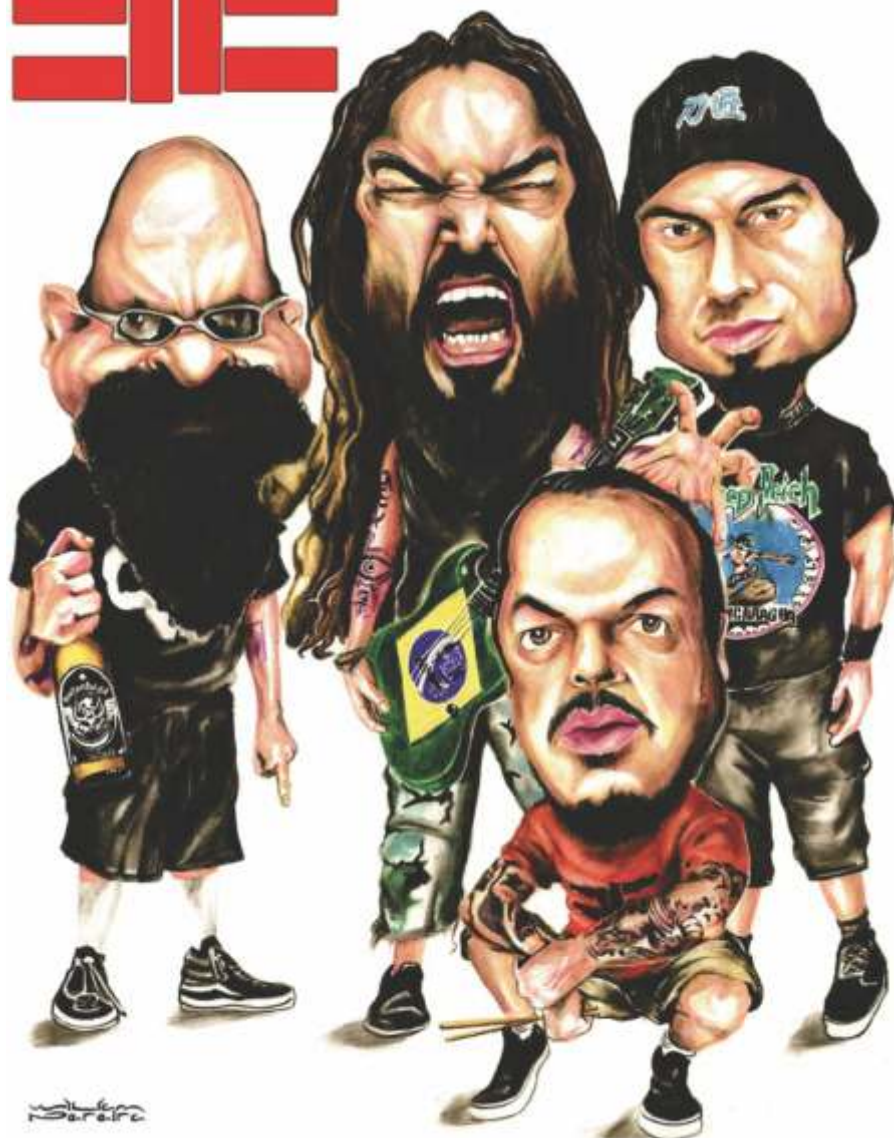
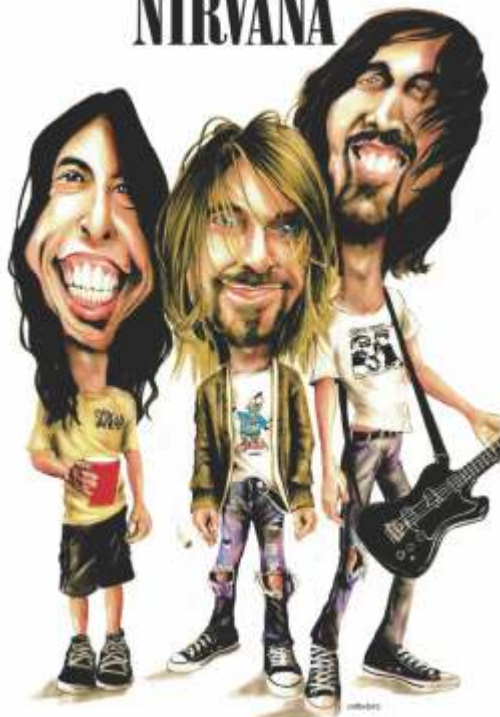
RAMONES



FAITH NO MORE



NIRVANA



William já teve a honra de entregar seus trabalhos a vários de seus ídolos que passaram por BH ou até mesmo quando foi a shows em outras cidades. Aqui, ele entrega a caricatura do **Cavalera Conspiracy** ao Max Cavalera



MODA

Juliana Senra

Designer gráfica

Simon Posthuma e Marijke Koger eram dois hippies malucos que viviam viajando para mostrar a sua arte ~ das coisas que a natureza dá ~ e acabaram vestindo uma geração inteira. Eles foram revolucionários e se meteram no mundo de vendas, da moda, da arte e da música.

Nos anos 60, o movimento hippie tomou conta de uma geração inteira. O lema era a liberdade ao extremo, paz, amor, natureza e muita psicodelia. Neste clima colorido, um casal búlgaro, atento ao que acontecia a sua volta, criava roupas muito loucas em Ibiza, que refletiam o espírito do momento.

Logo foram descobertos pelo fotógrafo britânico Karls Ferris, que levou o assunto até a revista “Times” britânica. Karl já tinha trabalhado para ninguém mais, ninguém menos que Jimi Hendrix e Cream. Foi aí que bateu a maior onda! Os três juntos migraram para Londres e fundaram o coletivo de arte “The Fool”.

Marijke entendia tudo sobre tarô. Dentre todas as cartas do baralho, The Fool – o palhaço – era o que mais combinava com o espírito Hippie: o sentimento de quem não tem nada a temer e por isso mesmo, é livre. Eis a razão do nome do grupo.

Reza a lenda que Marijke tirou a carta do palhaço para Paul McCartney e foi então que ele compôs a música “The Fool on the Hill”.

O coletivo ajudou a compôr capas, guarda roupas, músicas e até um mural gigante na Apple Boutique (que é muito diferente da Apple que conhecemos hoje, a de tecnologia) – loja conceito dos Beatles que funcionou de 1967 a 1968. Tal pintura, em um mural externo, com tamanha liberdade de expressão, pode muito bem ter antecedido o Grafitti.

A loja, situada na Baker Street, em Londres, foi um projeto financiado por integrantes dos Beatles. O pessoal do “The Fool” criava as peças de roupas e, junto com acessórios coloridos e nada comuns, eram vendidos ao público. Na fachada, um mural gigante foi pintado pela dupla, mesmo sem autorização. Em poucas semanas, o mural teve que ser coberto e a fachada pintada de branco, devido a uma interdição da prefeitura.

Quase um ano após a inauguração da loja, o fracasso financeiro foi tremendo e os fundadores pegaram itens da loja e levaram para si. Além disso, o restante das peças foi doada aos clientes. Veja um trecho do filme “Hot Millions” que mostra como era a Apple Boutique. (N. do E.: Este filme e outros estão disponíveis no Youtube. No documentário «The Beatles Anthology» estas imagens também estão disponíveis)

A história não acaba aí. O envolvimento com os Beatles também está no álbum “Sgt. Pepper Lonely Heart Club Band”, no qual o casal foi responsável pela arte do envelope interno (ela foi rejeitada como arte da capa).

E se você acha que o figurino da banda no mesmo álbum teve a mão do “The Fool”, não é mera coincidência.

Para todo mundo que curte cores, “The Fool” é fonte de inspiração! Agora seus looks anos 60-70 ficaram ainda mais interessantes! ;)

Postado em Design+Arte, Moda, Música no site Cutedrop.com.br
Juliana é assistente de direção de arte, curte quadrinhos, rock'n'roll e eventos culturais gratuitos. Gosta de tropeiro, pão de queijo, boteco e violão. Fã de Ziraldo e Bea Fietler, e não sabe se gosta mais de Beatles ou de Rolling Stones.

THE



Nesta sequencia,
três criações
de **The Fool**



Prédio da Apple
antes e depois da
interdição da
prefeitura de
Londres

FOOL

Conheça o casal que vestiu o movimento hippie da cabeça aos pés. Com uma participação e tanto na história dos Beatles.



A esta altura você deve estar se perguntando: Será que foram eles que criaram isso também?



Foto catada do Face de Zélio



Os três mosqueteiros agora são dois.

Para Ziralzi Alves Pinto

Já que Ziralzi não pode mais participar das lutas contra o cardeal Richelieu, a vida continua. Zélio e Ziraldo vão levar em frente o legado da irmandade dos Pinto. Engraçado que eu, o Elmane e o Fernando somos meio assim também. Mais que irmãos, amigos e companheiros. Só não temos a produção absurda de arte que os Pinto criaram. Criaram e espalharam pelo mundo inteiro. Zélio é a gentileza, Ziraldo, o gerador, e Ziralzi era o que punha a lenha na fogueira. Lembro que ele me falou um dia que era duro ser o irmão do meio, ainda mais no meio entre Ziraldo e Zélio. Mas ele deve ter sido o que mais se divertiu. Porque enquanto os outros dois carregavam o piano, ele levava a garrafa de scotch.

Camilo

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS



Regularização Fundiária
(Urbana e Rural)
Licenciamento Ambiental
Averbação de Construções

Luiz Carlos Riquete Vaz

(33) 9109.0775 TIM | 0038.0626 VIVO | 8821.6024 OI

Travessa Cel. Santos Mestre, 69 | Centro | Caratinga | MG

CEP 35.300-000 | riquete@hotmail.com

RAFAMOTO

www.rafamoto.com.br

Concessionária  **HONDA**

Caratinga - Barbacena - S. João Del Rei



PLANALTO
CONTABILIDADE

Rua Raul Soares, 194, Caratinga - MG

(33) 3321-3279



Marmoraria do Juslei

Avenida Presidente Tancredo Neves, 2781, Caratinga - MG

(33) 3322-1499



DISTRIBUIÇÃO DE LUBRIFICANTES
Desde 1981

(31) 3389-8600 www.fmvbrasil.com.br



CARATINGA

Av. Moacir de Matos, 161 - Centro

(33) 3321-3207

Av. Olegário Maciel, 143
Sala 303 | Centro
Caratinga | MG
Tel.: (33) 3322-1039
clinica.stella.cunha@hotmail.com



STELLA CUNHA
periodontia

TRADIÇÃO
soluções imobiliárias

www.tradicao.net

Caratinga - (33) 3322-8080



Waters

www.ebioanalitica.com | (31) 3488.3368
Av. Silviano Brandão, 1818 - Horto - Belo Horizonte - MG

Caratinga ^{cacheça}

Agradecimentos também ao amigo Léo Lessa e ao grande Monsenhor Raul Motta de Oliveira.

RIODOC

Conforto no
caminho,
alegria na
chegada.



Consulte nossos itinerários e outras informações: www.viacaoriodoce.com.br

PATROCÍNIO



INCENTIVO

